4ª secção
Fon-Fon
Maio-Junho
1929
FON FON
Gil
ANNO XXIII — N.º 18
Rio, 4 de Maio de 1929
Preço: 1$000

O conto brasileiro

O delegado levantou-se mal humorado. Pois que! chamal-o ás duas horas da madrugada, talvez para attender a uns tres ou quatro plebeus embriagados que brigaram por causa de uma mulher qualquer! Isso lá é vida que se supporte!

Apezar do adeantado da hora, o movimento na Central de Policia, naquelle fim de sabbado de Alleluia e inicio de Paschoa, era intenso. Um homem que soffrêra um accidente quando trabalhava numa estrada de ferro, prestava declarações. O escrevente que terminava o inquerito, de pouco em pouco suspendia o serviço, olhava de esgueilha para uma loira rapariga, detida para algumas averiguações a seu respeito, fazia-lhe signaes brejeiros e de novo lançava a penna a correr ligeiramente sobre o alvo papel de linho.

Um guarda civil entrou segurando um esqualido rapazelho pela gola do paletó, acompanhado de um italiano, commerciante, com uma banca no Mercado Central e dirigiu-se ao escrivão:

— Este rapaz é um ladrão, doutor; bateu a carteira deste senhor...

O italiano curvou-se, apresentando-se:

— Francisco Spipinella, proprietario, etc.

O escrivão mandou que esperassem, pois o delegado tinha, antes, um caso mais importante a resolver. Indicou-lhes cadeiras e voltou a conversar com o companheiro de delegacia, de faces maceradas e que tossia a todo momento, levando o lenço á bocca.

No canto esquerdo da sala, varios inspectores de segurança falavam baixinho, soltando, ás vezes, alguma imprecação:

— A esta hora, hein? Justamente quando eu pretendia repousar um momento! O maldito "fulastra" não poderia arranjar outra occasião para a "brincadeira"?

Lá fóra, no saguão, intermittentemente, tocavam duas campainhas fortes, que resoavam pelo predio: uma, chamando carro de presos; outra, solicitando medico para doentes. Ao toque desta attendia um medico somnolento, mettido no seu pesado capote, com a bocca aberta num grande bocejo.

O Homem que matou o Demonio

Só o ordenança do delegado estava alheio a esse alarido: dormia sentado numa cadeira, atraz de um cortinado, resonando alto. Através o rendilhado viam-se o vermelho e o azul da farda e o amarello dos botões, muito polidos. Um rapazinho, preso quando pretendia passar o "conto do vigario", muito magro e que só estava a alisar uma amostra de bigodinho, com voz adocicada, melliflua, dirigiu-se ao escrivão:

— Doutor, não posso ir-me embora?

— Ir embora c o i s a nenhuma! Sente-se ahi e fique quieto, senão...

Ante a ameaça e o tom rispido, duas lagrimas brilharam nos seus olhos verdes. Atirou-se para um canto e pouco depois dormia.

Na sala contigua á do escrivão, sobre uma larga mesa, com um vidro grosso cobrindo um panno verde, cinco reporteres trocavam no-

tas das occorrencias da noite. Um delles mordia nervosamente um charuto e a cada momento interrompia os collegas:

— Vocês acham que a gente tem gosto de trabalhar desta maneira? Vou arranjar uma photographia desse idiota, que, com certeza, nunca viu uma objectiva de apparelho photographico, e por fim sou corrido a pau pela familia, que mora lá pelas bandas onde Judas perdeu as botas...

Cuspinhou ao lado, com força, com despreso:

— Que choldra! Corja de salafrarios!

E continuava a tomar os apontamentos. Outro indagava, levantando a cabeça vagarosamente, sus-

O COMMENTARIO

Ás solennes commemorações realizadas no Ceará e nesta capital, bem como em alguns outros pontos do paiz, pelo centenario do nascimento de José de Alencar encheram de jubilo os corações que amam a vida mental do paiz.

Ellas demonstraram á saciedade que, entre nós, já não morrem enterrados no areal do esquecimento, aquelles que mourejaram a penna e crearam para o goso dos espiritos elevados as idéas e os symbolos. Alencar vive assim no coração de sua terra e na alma de sua gente, que elle tanto amou.

A occasião é opportuna para indagarmos dos nomes daquelles que, no scenario politico do Imperio morto, quando Alencar era deputado, com despreso o acoimaram de litterato. Quem lhes sabe os appellidos? Ninguem. E' que somente as creações da intelligencia são indestructiveis. E a intelligencia não estava com elles, estava com José de Alencar.

Iracema e Pery, os filhos immortaes do escriptor, continuam eternamente lembrando o nome de seu pae. Os outros não tiveram filhos...

tendo as palpebras abertas com custo:

— Qual o nome e a edade do sujeito?

Sem perda de tempo, um mocinho imberbe folheava um caderno de notas e respondia explicitamente:

— Francisco de Azevedo. Trinta e oito annos.

— Elle já está ahi?

— Não. Está sendo medicado no posto da Assistencia, pois a victima tambem o feriu.

E após alguns instantes:

— Olha: ahi vem elle!

Todos olharam. Com a cabeça enfaixada, guiado por um enfermeiro, passava pelo corredor um homem de alta estatura, espadaúdo, cara rapada. Parecia abobalhado. O escrivão, logo que o viu, foi-lhe dizendo, abrupta e rispidamente:

— Sente-se naquelle canto, e espere.

O homem, quando ia a sentar-se, derrubou uma cadeira. Com o estrondo, o ordenança acordou, assustado. O mocinho de voz melliflua levantou-se de um salto.

— Que homem bruto, santo Deus...

O sujeito, muito encolhido, fazia largos gestos, e em estultiloquio:

— Não tenho culpa. Por que elle me perseguia? Nunca lhe fiz mal algum. Quasi nem o conhecia. Ma-

O CONTO BRASILEIRO

(Continuação)

\. . .

tei-o. Não me arrependo, prompto. Agora elle deve estar contente...

A rapariga loira olhava-o com espanto. Fraca e demoradamente retiniu a campainha do delegado. Como que impellido por uma molla, o ordenança levantou-se immediatamente e dirigiu-se ao gabinete da autoridade. Voltou pouco depois.

— "Seu" Godoy, o "dotor" pede p'ra levar o caso mais importante.

O escrivão relanceou a vista. Pegou no braço do homem e desappareceu por uma porta, acompanhado pelos curiosos reporteres. Estremunhado, o delegado, logo que pousou os olhos no criminoso, foi dizendo:

— Um malandro, não ha duvida. Conhece-se pela "pinta". Que fez você? Por que veiu cá parar?

— Vim aqui porque matei um homem.

— Era o que eu pensava. Um pobre de Christo levanta-se no melhor do somno, ás pressas, para que? Tomar conhecimento de uma cousa vulgar: um homem que matou outro!...

Accendeu um cigarro, lentamente. Accommodou os oculos:

— Bem, bem, diga lá o que houve...

Voltou-se para o ordenança:

— Benedicto, vá buscar um café. Vamos, vamos, homem, principie a falar!

— A culpa é toda delle, doutor. Quem o mandou segurar-me pelo hombro e ameaçar-me constantemente?

— Mas, você o matou?

— Pudera! Aquella cavalgadura! Não sabia com quem estava lidando. Pois sou capaz de eliminar mais dois ou tres, si preciso fôr!...

O ordenança voltou com o café. Os reporteres olhavam com interesse para o criminoso.

— Queremos pormenores. Antecedentes, está ouvindo?

E voltando-se para o escrivão:

— "Seu" Godoy, vá tomando notas para o inquerito.

POMMADE ADRENO-STYPTIQUE
MIDY

Os rapazes da imprensa prepararam o canhenho. O homem limpou, com as costas da mão, a baba que lhe cahia pelos cantos da bocca. Suspendeu as calças, apertou a cinta de couro amarello.

— Foi no Carnaval deste anno. Fazia o corso no meu automovel, na Avenida. Num momento em que o auto parou, eis que se me aproxima um homem, mascarado de diabo, olha-me fixa e demoradamente. De repente, rompe numa estridula, louca, sinistra, ameaçadora gargalhada e, apontando-me, disse para os que lhe estavam proximo: "Oia" elle, "pessôa"! "Oia p'ra cara delle, "oia"!... Atirou-me um jacto de lança-perfume nos olhos e desappareceu como por encanto. Amaldiçoei-o.

"Estavamos no terceiro dia de entrudo. Serpentinas de todas as côres riscavam o ar [illegible] mes, ao invés de apagar o fogo do enthusiasmo, accendia-o, animava-o, vivificava-o. Os confetti atirados, quando cahiam eram lagrimas dos foliões que choravam por estarem no final os festejos ao deus Momo. Apezar de toda essa alegria, desde esse momento não tive mais socego. Nos carros que passavam buzinando estridentemente, na massa do povo que se divertia nas calçadas, não divisava um só rosto humano. Era elle, o demonio, sempre elle, a rir, a rir muito alto. Um riso brutal, que me fazia mal. Alguem assobiava das sacadas; olhava; lá estava o Satanaz com a bocca rasgada, enorme, escancarada, a lingua como um incendio.

"Fui dormir á meia noite. Atirei-me á cama furioso. Revolvi-me nos lençóes durante tres horas. Afinal, conciliei o somno, povoado de sonhos horriveis. Uma hora depois, acordava sobresaltado. Accendi a luz e — que vejo? — ao invés de minha esposa, lá estava elle a rir sinistramente, horripilantemente. Vesti-me ás pressas, sahi a correr. Queria um guarda para prendel-o. Quando o encontrei, levantei o rosto para falar-lhe, mas — Deus dos céos! — a mesma cara, o mesmo rosto, só que agora tinha um riso idiota, bestial. Retomei o caminho de casa, sempre a correr, mas, ao atravessar a rua, fui apanhado por um automovel que ia com grande velocidade. Cahi inanimado, muito ferido. Apezar disso, sempre tinha nos ouvidos aquelle gargalhar medonho, terrifico. Levaram-me para um hospital, onde recuperei os sentidos somente dois dias depois. Triste destino, o meu! Quando abri os olhos, muito cansados, veiu ter commigo a enfermeira: "Está melhor?" — perguntou. — Ainda muito fraco, com algumas dores..." Assim falando, levantei a cabeça e procurei ver a dona daquella voz tão melodiosa,

O CONTO BRASILEIRO

(Conclusão)

* * *

quente, que tão bem sabia aos meus ouvidos saturados de risos infernaes. Maldição! Num corpo de boneca, de cherubim descido das alturas por descuido, a cabeça do demonio! Escondi-me sob os lençóes e toda vez que a via, repetia a scena.

"Para completo allivio de meu espirito agitado, esgotado com essas continuas e tormentosas sensações, hontem consegui fugir, á noite, daquella casa hospitalar. Ao pular o muro, um guarda nocturno ia se chegando a mim, batendo no lageado a sua bengala. Uma restea de luz do lampeão de gaz fez resaltar o seu rosto. Elle, sempre elle! Escapuli-me dali como um possesso e passei a noite a vaguear pelas ruas escuras. Hoje, pela manhã, resolvido a terminar, de vez, com esta vida que aos poucos me aniquilava, entrei numa loja de ferragens e comprei um agudo punhal. Queria matal-o como

se mata um cão damnado, estraçalhal-o, esquartejal-o, cortal-o em pequenas postas e, ainda a sangrar, collocal-as nos postes, nos lampeões, nas arvores. Tinha uma sêde terrivel de vingança. Procurei-o durante horas seguidas, mas o desgraçado estava com medo. Não appareceu.

"Chegou a noite e, com ella, o desanimo. Não quiz voltar para o meu "bungalow". Continuei a peregrinar, sozinho, por essas ruas sem luz, pois tinha medo de encontral-o áquellas horas. Quando entrei numa vielia muito estreita, erma, senti que alguma cousa me agarrava pelos hombros. Ergui os olhos. Elle! Sim, era elle, o meu tenaz perseguidor, ainda com as mandibulas destroçadas. Rapidamente saquei do punhal e, sem palavra, cravei-lhe a arma no corpo repetidas vezes, sem dó nem piedade. Elle tambem não soltou um grito. A cada golpe vibrado, sentia na bocca o seu sangue, que sahia a grandes golfadas, muito quente, com um sabor delicioso. Quando me certifiquei de que o diabo estava morto, abandonei aquelle logar e vim para esta repartição policial..."

O homem, quando terminou de falar, arquejava. Limpou a baba viscosa, novamente. Os reporteres deram amigavel "boa noite" ao delegado e sahiram apressadamente, caminho da redacção. A autoridade mandou que apromptassem o automovel e, juntamente com o assassino, medico-legista, escrivão, dois inspectores e ordenança, encaminhou-se para o local do crime.

Chegados, a autoridade pediu ao assassino indicasse o logar onde estaria o cadaver. Apontou com o dedo a porta de uma casa. Os inspectores accenderam as lanternas electricas e se dirigiram ao ponto indicado. O delegado sorriu para o legista:

— Positivamente louco...

O ordenança olhou e abriu a bocca num largo sorriso.

Lá estava a obra assassina de Francisco de Azevedo: um Judas de panno, feito pelos moleques, para commemorar o sabbado de Alleluia, dependurado naquella porta suja de carvão, todo rasgado pelos golpes de punhal. Pelos rasgões sahia o sangue: compridos fios de capim...

O escrivão objectou:

— E os ferimentos que elle apresenta?

O delegado approximou-se do boneco e, mostrando a cabeça toda furada de lado a lado:

— O pobre doido agarrou-se ao Judas. Brandiu o punhal por traz, feriu-se a si e bebeu o sangue de seu proprio corpo...

Nisto se ouviu um grito lancinante, que cortou a madrugada que nascia. Voltaram-se. O homem apontava para o delegado.

— O bandido não morreu. Ahi está elle novamente. Ahi está elle...

Recuava, aterrado. Onde acabava o passeio, perdeu o equilibrio, cahiu para trás, batendo com o occipital nos parallelipipedos. Acudiram.

O medico legista abaixou-se. Apalpou-o. Levantou-se, meneando a cabeça.

— Ao invés de ir para um manicomio, foi para o necroterio...

Todos, respeitosamente, se descobriram.

ARMANDO BRUSSOLO.

URODONAL

evita a obesidade

Gotta
Rheumatismos
Arterio-esclerose
Nevralgia
Areias da bexiga

12 GRANDES PREMIOS

COMMUNICAÇÕES :

Acad. de Med. 10 de [illegible] de [illegible]
Acad. das Sciencias 14 de Dez. de [illegible]

Approvado pelo Departamento Nacional de Saude Publica do Rio de Janeiro N. 82 — 10 de ninho de 1910.

Cem kilos ?!... E' preciso que tome o URODONAL !

lava o figado e as articulações, dissolve o acido urico, activa a nutrição e oxyda as gorduras

«Quem quizer permanecer joven e evitar os rheumatismos, o endurecimento das arterias, a areia dos rins, as varizes e a obesidade, deve eliminar o excesso de acido urico, este veneno do nosso organismo e fazer tratamentos regulares pelo Urodonal».

Établissements Chatelain
Fornecedores dos Hospitaes de Paris, e de Valenciennes, em Paris, em todas as Pharmacias.

«Depositario exclusivo para o Brasil»: Antonio J. Ferreira & C. — Caixa Postal 624 — Rio de Janeiro. — Recusar todo o producto que não tiver a etiqueta AZUL assignada «FERREIRA» e cujos prospectos não sejam em PORTUGUEZ.

"O URODONAL fabrica-se em granulado e PASTILHAS"

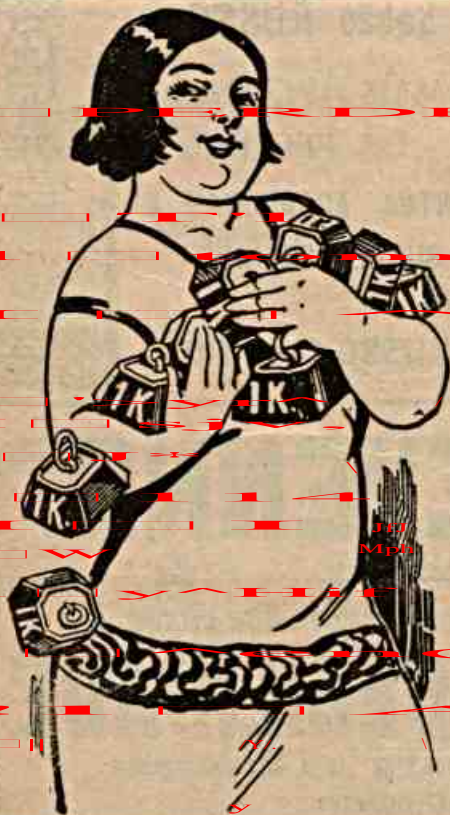
PERDERÃO ALGUNS KILOS

Si tomarem o

Thé Mexicain du Dr. Jawas

Composto de plantas depurativas, e proprias para provocar o emmagrecimento, o Thé Méxicain du Dr. Jawas, é o medicamento sem rival, universalmente reputado, para fazer emmagrecer, diminuir o ventre, e adelgaçar a cintura sem nenhum perigo para a saude.

A' venda em todas as Drogarias e Pharmacias.

A. NARODETZKI
18, BOULEVARD BONNE-NOUVELLE
PARIS

AS MULHERES E A GRAMMATICA

De
Carlos Madeira

Mulher sem vaidade é um substantivo abstracto: só existe na imaginação.

A mulher póde ser tambem um substantivo collectivo: numa palavra só, exprime futilidade, presumpção, etc., etc.

A mulher adultera é um substantivo improprio: perde sua categoria: é um verbo que se emprega como substantivo.

A mulher fiel é um adjectivo qualificativo restrictivo.

Ha mulheres como o attributo adjectivo: variam para concordar com o sujeito.

Sujeito, verbo e attributo: termos essenciaes da proposição: esta é a vida de algumas mulheres: nella são essenciaes: elle que é o sujeito, o outro que é o attributo. Ellas são o verbo. Os complementos são termos secundarios.

A mulher é como o verbo auxiliar na conjugação periphrastica: precisa dum verbo principal que lhe dê valor.

A mulher honesta é como o verbo ser: está, sempre, longe do attributo, que é um rapaz maneiroso.

A mulher solteirona é o verbo defectivo e impessoal: falta-lhe o sujeito, tempo e pessoas da conjugação.

Mulher bonita e solteira é um adverbio: atrapalha o sentido do adjectivo, do verbo e até do adverbio.

A mulher que auxilia casamentos é a conjuncção copulativa E.

Mulher apaixonada é uma interjeição: exprime, exaggeradamente, suas emoções.

Nas mulheres, geralmente, o coração é a radical: não varia, mas o cerebro é a desinencia.

Homens casados que se sujeitam á autoridade da esposa, são como o sujeito na conjugação interrogativa dum verbo composto: desapparece entre o principal e o auxiliar.

As mulheres eruditas são como os verbos irregulares: abandonam o modelo: fogem da communidade. Ha tambem verbos de "irregularidade apparente".

Os casados que não se comprehendem são como os compostos justapostos: estão separados, não obstante os traços de união.

A mulher casada é como o derivado improprio: passou duma categoria para outra. Ha, porém, mulheres que passam duma para outra categoria sem o casamento: são os derivados proprios, que se formam com o suffixo.

A Justiça de Deus

(De Juan Lopez Nuñez)

L A' pelo anno de 1646, na rua de Cañizares, de Madrid, ergueu-se pela Confraria do Santissimo Sacramento, uma ermida, sob a protecção de Santa Maria Magdalena. Pouco antes tinham levantado alli uma forca para justiçar um muito rico e illustre cavalheiro chamado don Gabriel de Fuensanta.

Offerecia a modestissima capella pouca importancia, excepção feita de uma mysteriosa e desconhecida penitente que nella morava. Ninguem sabia quem era e todos ignoravam o seu passado, o passado da creatura que, em plena juventude, vestia os habitos da penitencia.

A fantasia popular tecia em torno daquella mulher as mais absurdas historias, sem acertar na explicação do mysterio que encerrava aquella vida consagrada a Deus. E' que todos ignoravam quem era a desgraçada, heroina um dia dum desses episodios apavorantes que perturbam uma existencia e que com ella acabariam se não restasse o consolo da religião.

* * *

Aquella penitente era dona Cruz Vargas de Hita, nobre e rica dama, modelo um dia da Côrte, que a teve como idolo, para olvidal-a mais tarde, assim que dona Cruz desappareceu mysteriosamente, depois dos terriveis successos que vamos relatar. Aconteceu que um dia, pela força irresistivel e cega da fatalidade, viram-se dona Cruz e don Gabriel de Fuensanta numa das festas que se celebram em Madrid por occasião da sazão, e amaram-se subita e espontaneamente. Falou o galã á dama. Verteu em seus ouvidos phrases cheias de paixão e ternura, e, ao separarem-se, dona Cruz, que, antes de tudo, era mulher amantissima, communicou ao pae o occorrido, sem occultar-lhe a ardente e subita declaração de don Gabriel. Mas o pae — don Pedro Vargas de Hita — franziu o cenho ao escutal-a. E, cousa estranha, nelle, despediu a filha com desabrimento, prohibindo-lhe severamente que se occupasse de semelhante cavalheiro.

Desesperada, dona Cruz, chorou, inquiriu, supplicou, na expectativa de alguma explicação; mas foi inutil. Don Pedro continuou inflexivel em sua terrivel negativa e em seu inexplicavel mutismo...

* * *

Correu o tempo. Dona Cruz e don Gabriel se viam. Valiam-se do auxilio de donas e creados para realizar suas entrevistas no proprio domicilio da desesperada donzella. Mas, por maior que fôsse o seu recato, não deixou don Pedro de saber que a filha recebia a sós um cavalheiro desconhecido. E, disposto a vingar sua honra, contractou dois servos fieis para que, espreitando o salteador de sua honra, levassem a effeito uma sinistra e exemplar vingança e fizessem justiça, uma justiça sangrenta e rapida.

Na noite pavorosa e negra estavam de emboscada os creados. E recordavam-se de que muitos annos antes lhes tinha sido confiada identica missão, porque foram elles mesmos que naquelles tempos passados deram morte terrivel e no mesmo logar a um don Gabriel de Fuensanta, amante, ao que parece, da esposa de don Pedro Vargas de Hita. Está ahi, pois, justificada a rude hostilidade deste ao herdeiro daquelle don Gabriel, victima de um funesto e tormentoso amor... E na expectativa, os creados vigiavam anhelantes. Perceberam, afinal, que alguem se approximava, desconhecido para elles por causa das trevas que os rodeavam. A obscuridade do aposento em que se encontravam era tão densa, que apenas se podiam adivinhar a si proprios... Entretanto sua victima se acercava. Uma vez perto, atacaram-n'a.

Satisfeita a vingança e cumprida a missão que lhes tinha sido confiada, examinaram o morto á luz da lanterna. Com os cabellos eriçados, retrocederam espavoridos. Tinham assassinado por uma espantosa confusão, ao proprio amo: don Pedro Vargas. Passos se aproximavam que os fizeram fugir apressadamente, mas não antes de se convencerem de que quem chegava era don Gabriel de Fuensanta, em companhia de dona Cruz e que atravessava a galeria em busca da passagem secreta por onde ia sahir.

* * *

Os creados avisaram a uns policiaes que acudiram antes de poder sahir o desditoso don Gabriel. Accusado elle de autor do assassinio, não tardou em comparecer deante dos juizes.

Para não compromettter sua dama, calou o coitado, e, apezar dos protestos de innocencia em que não acreditaram os juizes, foi julgado severamente e condemnado á morte.

Em vão dona Cruz, calcando aos pés a propria honra, explicou a estada do cavalheiro em seu domicilio, confessando a verdade; mas ninguem nella acreditou, attribuindo á loucura a confissão da infeliz, que viu subir ao cadafalso o adorado do seu coração...

* * *

Dona Cruz impôz a si mesma a penitencia de erguer uma capella no logar onde foi morto don Gabriel, a cuja lembrança se consagrou de toda a sua alma. No altar de amor desventurado sacrificou sua existencia. Martyr de um destino infeliz, não tardou em morrer, redimindo sua culpa, certamente, pela dôr e pelas orações.

* *

SANTINO GOMES DE MATTOS (S. Paulo) — Desta vez o sr. me envia dois sonetos passaveis. Posso dizer — bons. Apenas um pouco passadistas, cheios de logares-communs.

Vão ser publicados. Mas serão seus, na verdade? Vamos, seja franco, poeta...

ZIZINHA (?) — Oh, que pena! A resposta que me pede não póde ser dada nesta pagina — mas particularmente. A sua consulta deve ser feita a um clinico. E si quizer, a um hygienista. O que a minha sciencia conhece, para o seu mal, é muito rudimentar. Para suor tão fétido, o mais pratico seria ficar de môlho num banho de creolina. Oito dias, no minimo, em cada mez. Mas, para isso, V. Ex. teria que morar na Saude Publica. E quando, debellado o mal, se julgasse em condições de procurar um noivo, que a não repellisse, como os outros, teria que preferir um mata-mosquito... Assim, V. Ex. poderia ter a certeza de uma desinfecção systematica e efficaz...

ORCHIDÉA (São Paulo) — A sua graphia? Dolorosa interrogação! Como é V. Ex. quem pede o seu promptuario graphologico, elle aqui vae. Haverá por ahi algum vidro de ether? Pois queira prevenir-se, para se reanimar, no caso de uma syncope...

A sua letra é a de uma pessôa mediocre e de pouca, pouquissima faculdade de evolução. E' uma rotineira. Muito sensivel, deve estar soffrendo a rudeza desta revelação. Para que veiu abrir a caixinha de segredos? Adeante. E' muito fraca para a luta, si bem que a sua vontade seja fria, tenaz e continuada. E' muito ordenada na sua vida. Os seus gostos são vulgares e a sua intelligencia não tem vôos altos, nem mesmo baixos. Os seus vôos de espirito são como os das moscas impertinentes: sempre insistindo na mesma coisa. Não goza de bôa saude: é doentia. Fatua, vaidosa, é, no emtanto, muito delicada, muito timida e muito criteriosa. E' bôa observadora e sabe deduzir bem as coisas. E' indulgente e capaz de grande abnegação. Muito emotiva e um pouco sentimental. Prodiga, economicamente falando não é capaz de mesquinharias. E' calma, quasi preguiçosa. A sua conducta moral é bôa. E' uma senhora para o lar. Dá muito para os trabalhos que exigem paciencia e perseverança. Possúe espirito de ordem e methodização. E' leal, um tanto amiga da verdade. Por isso não duvido muito que me tenha dado o seu nome verdadeiro — o que é raro nas mulheres. Um pouco altruista. Firmeza, polidez de maneiras.

Si V. Ex. desmaiou, com uma syncope, póde reerguer-se: está finda a sua graphologia.

E agora vá dizer que está tudo errado. Ou que só acertei nos traços bons.

MALVA-ROSA (Capital) — Ih! Lá vem uma literata — posto que a letra apresente todos os caracteristicos masculinos.

Leiamos a sua carta em voz alta. Dois pontos:

"Yves — Tendo em vista os dizeres do "coupon" para consultas, da sua apreciada secção, de que pela mesma você prestará toda e qualquer informação desde que ella seja pedida com clareza e logica, venho, depois de prehencher as formalidades exigidas, representadas por esse mesmo "coupon" que ahi vai, solicitar-lhe o obsequio de me esclarecer sobre os seguintes pontos:

a) em que consiste a "rotogravura", processo pelo qual é impressa "Cruzeiro"?

b) em que difere esse processo dos empregados pelas demais revistas, como FON-FON, por exemplo?

c) a que escriptor poderá uma pessôa (escriptor nosso, já se vê...) que tem um livro de contos em elaboração e que pensa em publical-o, — a que escriptor poderá se dirigir para pedir uma opinião acerca dos mesmos contos, com mais probabilidade de ser bem acolhidos e mais bem orientada? Mas principalmente bem acolhida? — Porque, Yves, tenho reparado que todos os homens que escrevem têm o habito de desmerecer o trabalho dos principiantes, mormente si estes são do outro sexo... Não é verdade? Receio de concurrencia, talvez... "Qui lo sa?" como costuma você dizer sempre ás suas consulentes... que nunca lhe consultam e só lhe escrevem...

Aguardando resposta, sua..."

Vamos ás respostas:

1.° — A rotogravura? O senhor é muito curioso... Isto é, a senhora... E' tão complicado o processo que uma explicação deixal-a-ia na mesma.

2.° — A differença do processo typographico das demais revistas é outra coisa difficil de explicar a um leigo em coisas de imprensa.

3.° — Não sei a que escriptor deve um principiante pedir opinião sobre os seus trabalhos. Só lhe posso responder com segurança ao julgamento feito pelo FON-FON. Aqui quem empunha a férula de censor é o seu criado. Isso quanto a versos; quanto a prosa, é o secretario, ou eu mesmo, quando a correspondencia vem por via — "Saibam todos"...

4.° — Aqui não desmerecemos o trabalho dos principiantes. Ao contrario, ás vezes fazemos de oleo camphorado, para alguns delles. Ingratos, geralmente, esses principiantes quando se enfeitam com pennas de pavão... querem cantar de *chantecler*... junto ao nosso ouvido.

As mulheres são interessantes: fazem o papel de sanguesugas literarias. Sugam-nos tudo: paciencia, bôa vontade, indulgencia, o nosso apoio, o nosso elogio... E, no fim, — nem sequer um adeus ou um "muito obrigado"... Muitas ainda se vão gabar: "Triumphei porque tenho valor intrinseco... Nada devo ao sr. Yves que, afinal, é um pulha e um mediocre. Nem sequer lhe dei a honra de um aperto de mão. Elle só me conhece(?) pelo telephone..."

Oh, a humanidade... feminina!

CLODOMIRO SILVA (E. do Rio) — O seu soneto *Cruz* tem um verso defeituoso. Será concertado para devida publicação.

MITS (São Paulo) — Tenho pena de não poder fazer o exame da sua graphia: V. Ex. escreveu em papel pautado. E' necessario escrever em papel liso e de linho. No minimo vinte linhas. Quanto ao resto, só fóra desta secção. E' assumpto que só interessa á minha pessôa. O meu retrato mais moderno está na 3.ª secção d'"O Suave Enlevo" que se encontra na Livraria Alves, á rua do Ouvidor, 166, aqui no Rio, e na capital de São Paulo.

Entretanto, breve lhe enviarei o que me pede. Mande-me o endereço.

EMBALADO (São Paulo) — Aqui está a sua carta. Quanta coisa interessante o senhor me escreveu! Vê-se bem que anda pelos dezesete annos, idade em que a gente crê em fantasmas, perpetra versos infames e faz de uma idiotice da amada um "caso serio".

Escreve o senhor, dando tratos á "bola", seu "Embalado". Comecemos a leitura da sua missiva de ouro. Lá vae:

"Caro Yves. Saudações — Eu pretendo arregimentar-me á turma dos infelizes que te consultam.

— Infelizes? atalhará você, com um sorriso á flôr dos labios. Ora

pois não é certo? Tenho lido as tuas respostas pelo FON-FON com as quaes você, com uns filigranas subtis, ironiza com os teus pobres "clientes", impondo-lhes a tua superioridade fulminante. Mas eu sympathiso immensamente com você, como sympathiso com quasi todos os literatos que sabem temperar o que escrevem com humorismo, si bem que isso seja humilhante para quem lhes serve de alvo. Bem vamos ao que eu desejo. Para você será "canja" como diz a gyria no seu calão. La vae: Sou um adolescente e "flirtei" com uma "garota" encantadora e depois...

Todas as noites murmuro-lhes juras de amor e para gaudio do seu temperamento, r o m a n t i z o exaggeradamente. Ella suspira, o l h a - m e apaixonadamente com uma ternura doce e affavel e eu extasiado ante tanta belleza vivo inconscientemente, como que anesthesiado. Nell atudo se encontra: belleza, graça, amor, emfim uma menina merecedora de um amor terno e sincero. Outro dia ella me disse: Sabes A., vou completar 16 annos no dia (?) do mez proximo. E' claro que eu, na minha qualidade de eleito do seu coração devo fazer-lhe um presente que condiga com o seu romantismo quasi morbido. Pensei em offertar-lhe um livro que estreite o nosso affecto e que depois de o haver lido, ella me ame com mais enthusiasmo! Eis ahi uma bar reira difficilmente transponivel se não fosse você, bondoso incognito. O meu cabedal de conhecimentos literarios e restrictissimo, pois limito-me a ler romances amorosos (o que se deverá lêr aos 17 annos?) Conheço algumas poesias, mas é me udesejo presenteal-a com um romance onde haja dialogos, affectos e enlevos apaixonados sem conta, emfim um romance ultraromantico. Livra-me desta situação Yves. Indique-me o que devo offertar-lhe. Você tambem já teve dezesete annos e logicamente tambem já amou. Auxilie-me e receba um sincero e profundo agradecimento deste seu admirador.

Pseudonymo: "Embalado".

P. S. — Eu não insisto mas peço: Quer me fazer o estudo graphologico?"

Pelo que vejo, o senhor está tentando, ou está sendo tentado, a incorrer nas penas do art. 270 do Codigo Penal. Cuidado! Olhe o pae da pequena...

Como não quero ser connivente no caso, e prevejo que o senhor quer incendiar a garota de paixão, aconselho-o a ser prudente na escolha do romance que pretende offerecer a sua diva. Nem com tanto fome ao prato, nem com tanta sêde ao amôr... O melhor, creio eu, em materia de litteratura

SAIBAM TODOS...

(Continuação)

amorosa, é o programma de cinema. Agrada, pelo laconismo e pela facil assimilação. Está ao alcance de todas as Julietas romanticas...

Mande-lhe um programma de fita em série, de enredo complicado e cheio de beijos fugazes, ao luar... E' o meio mais facil de prolongar o enlevo literario da sua garôta e de fazel-a pensar no senhor. Fóra dahi só vejo mesmo o "Paulo e Virginia", que offerece a vantagem de poder ser adquirido em edição popular, mais suave para o seu bolso de rapazola... que deseja metter-se em camisa de onze varas... ou na vara, sem camisa, do papae da pequena...

FREIRINHA (São Paulo) — Que me diz? A sua carta é digna de leitura. Certamente os leitores que preferem, e me pedem que as publique sempre — porque os deliciam — vão gostar immensamente da que me endereça.

Eil-a, sem tirar nem pôr:

"Presado Yves — Saudações — Escrevo-te esta cartinha com o coração transbordando de amargura.

Apezar de minha pouca idade, pois só tenho 18 annos, idade em que a vida sempre nos sorri, não, não sou feliz.

Um amor não correspondido e um coração mal comprehendido.

Para por fim ás minhas desventuras, resolvi entrar para um convento.

Que achas da minha resolução? Faço bem ou mal? Espero com a tua resposta um conselho para uma inconsolavel.

Desde já agradeço-te mutissimo, a "Freirinha" (pseudonymo)."

Aos nossos leitores. — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sòmente que sejam formuladas com clareza e logica.

* * *

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo devidamente preenchido.

ENDEREÇO:

Rua Republica do Perú', 62
Caixa Postal 97 — Telephone Central 4136.

FON-FON — 4-5-1929

Data da consulta ....
Nome do consultante ....
....

Que conselho lhe dar? Um bom conselho, está visto. Digo-lhe, portanto, como o principe Hamleto, á pobre Ophelia apaixonada: "Vae, vae, entra para um convento!..."

Cá fóra, a vida está muito difficil. De resto, é grande a crise de vestaes, de creaturas castas, innocentes e puras. O sortimento de jovens seraphicas está sendo desfalcado. Entrando para o claustro, é mais uma vestal que se candidatará ao reino do céo e uma solteirona de menos, que deixará de fazer companhia ás "demais"...

PRINCEZINHA (São Paulo) — Ora, mademoiselle, vamos analysar as coisas com logica. V. Ex. me escreve uma carta de caracter intimo. Quasi uma carta amiga, confidencial e que exigiria uma resposta discreta, pessoal, pelo menos particular, e não exposta á publicidade de uma secção como esta. No fim de tudo, V. Ex. assigna um pseudonymo. E se queixa porque a minha resposta está demorando.

Absurdo tudo isso, não é?

1.º — Uma carta intima pede uma resposta da mesma natureza, 2.º — Si essa carta é intima, é claro que não deve trazer pseudonymo; 3.º — Si traz pseudonymo é logico que só póde ter uma resposta por esta secção e nesse caso nada justifica o seu caracter confidencial.

Diga-me, pois, que fazer?

E' o caso da fabula do burro de Buridan, não é verdade?

Grato pelos seus elogios.

SELMO (Capital) — Sim, perfeitamente. Mas que culpa tenho eu do que se passa? Não é verdade que me tratou indelicadamente, o anno passado? O meu telephone é Central 4136 — De 1 da tarde ás 5.

UM FORASTEIRO (Capital) — Que, meu amigo? A sua situação é mesmo assim vexatoria? Tenho pena do senhor

Mas leiamos a sua carta de modo que as leitoras do "Saibam todos" possam ouvir essa leitura. Lá vae:

"Sr. Yves — Saudações cordiaes — Assim como um doente que procura um medico para alliviar seus soffrimentos, o que não deixa de ser uma cousa muito natural, e sabendo que o senhor é muito attencioso, venho fazer-lhe uma consulta. Não se trata de medicina propriamente dita, porque o caso diz com outra ordem de cousas que mais se ligam á secção que o senhor competentemente dirige. Eil-o: Sou um forasteiro que vindo passar alguns dias nesta bella Capital, se foi deixando ficar e aqui se encontra

ha mais de seis mezes. Costumo aproveitar o tempo em passeios e gozar o que é bom. Confesso-lhe que nunca vi em parte alguma tanta mulher bonita e seductora, como no Rio! Imagine agora a minha situação. Mal dou um passo e já vejo diante de um grupo de mulheres arrebatadoras, cada qual a mais chick. Taes encontros são diarios, a qualquer hora que saio, na Avenida, nos theatros, nos cinemas, emfim por toda parte. Isto é de deixar um homem neuras-thenico a valer. Se tomo um bonde e principalmente um trem de suburbio, attrahido pela agglomeração das *pequenas*, ahi é que se complica o caso. Raro é o momento em que não fico com a "cabeça virada". Comprehende o senhor que isto perturba muito a gente. Não penso em mais nada. E o peior (outros dirão o melhor) é que tenho sido fervorosamente correspondido. Mas é justamente essa *ponta* que me tem causado varios transtornos. Não attendo a mais nada e os prejuizos já se vão reflectindo sobre os meus deveres. Até já me ensinaram uma oração que eu rezo seguidamente, quando saio á rua. E' uma exhortação para ser poupado das tentações. Qual nada!... Continuo no mesmo estado... Li o "Saibam Todos" e disse commigo mesmo: Quem sabe se o

SAIBAM TODOS...

(Conclusão)

sr. Yves vae dar um geito nisto; se descobre um meio de eu não sossobrar, com tanta mulher bonita e seductora!" E' a razão desta consulta. Entretanto, peço-lhe, por obsequio, que não me aconselhe a tortura de ter que deixar o Rio! Sujeitar-me-ei a tudo que o senhor disser, menos a esse acto tão violento e superior ás minhas forças!... Tenha pena de um martyr do amor e que conta com a benevolencia de uma resposta consoladora.

Seu ador agrdo. — *Um Forasteiro.*"

Muito bem. Eu não sou, afinal de contas, um bom conselheiro. Justamente porque mudo de idéas e de opinião como as mulheres. De resto, os meus conselhos são desastrosos.

Si um cavalheiro me diz que está mal da vida, e me pergunta se deve dar cabo do canastro, eu respondo sem pestanejar: "Enfie a cabeça debaixo de um bonde." Ou então: "Engula um maço de prégos" e outros conselhos tragicos.

De modo que no seu caso, não sei bem si a minha intervenção será feliz. Em materia de affectividade eu sou de um scepticismo a toda prova. Percebe? Penso como Napoleão: "En amour, la seule victoire c'est la fuite." Acho que o melhor modo de evital-o é fugir delle. Mas uma vez que o senhor gosta do brinquedo, devo dizer-lhe o que me parece mais racional: case com uma literata, si encontrar alguma nessas condições. Posso jurar-lhe que é o meio unico de ficar radicalmente curado desse furor amoroso. E' o processo "similia, similibus curantur". Quer dizer, com a mulher o senhor curará o mal que o amôr lhe causa.

Uma esposa literata é o bastante para que o senhor fique odiando o sexo feminino, até a sua morte, com a vantagem desse misogynismo, (horror do homem pela mulher) se transmittir aos seus descendentes, por uma lei de inevitavel atavismo.

Si não preferir a literata, recorra á solteirona hysterica, que já tenha passado da casa dos *inta* (trinta) e esteja beirando a dos *entas* (quarenta).

O mais é chover no molhado. Emquanto não casar, o senhor terá a grande illusão de suppor que este mundo é uma succursal do Paraiso, e a melindrosa da época, um sub-producto da Eva-... antes do peccado original...

YVES

DE 6 A 12 DE MAIO

DE 6 A 12 DE MAIO

NOS CINEMAS

CAPITOLIO E IMPERIO

ALTA TRAIÇÃO

(THE PATRIOT)

Um super-film da Paramount, dirigido por ERNST LUBITSCH e qualificado

O MELHOR FILM DO ANNO

Interprete principal:

EMIL JANNINGS

Uma obra de Luxo, de Arte, de Emoção!

Este film não será exhibido na Rua da Carioca, na Tijuca e em Copacabana

A MÃE DO LOUCO

DE ALBERTO JEAN

UANDO a senhora Bruseval abriu a porta, não póde distinguir de prompto o rosto do homem na penumbra da rua. Mas adivinhou o contorno do gorro, a linha do uniforme, o brilho do cinturão de couro e poz-se a tremer de toda a sua alma.

— Entre, senhor! — murmurou.

O homem a seguiu em silencio ao pobre salãozinho onde o crepusculo esfumava a tristeza das telas apagadas, e esperou que a anciã accendesse a lampada que descansava sobre o piano fechado, para dizer-lhe:

— Enviam-me do hospicio para prevenir-lhe...

— Que morreu? — exclamou a senhora Bruseval.

— Não, que fugiu!

Os labios da anciã tremeram como se ella estivesse a sentir muito frio ou se encontrasse a rezar.

— Não andava muito bem nesses ultimos tempos — continuou o homem uniformizado... E foi precisamente quando se pensava em trasladal-o para a secção de loucos furiosos que desappareceu. E porque a senhora Bruseval chorasse com grossas e lentas lagrimas, sem responder, o homem explicou: — O director disse então: "é necessario advertir a mãe, porque é provavel que volte a rondar a casa.

— Minha pobre creatura! — gemeu a anciã.

Tornava a vel-o tal como estava no momento de partir para o hospicio. O vento da tardinha agitava-lhe na fronte a mecha de cabellos ruivos e ondulados que seus dedos de mãe tantas vezes acariciaram quando era pequenino, acolá, no lar feliz. E falou, através das lagrimas, aos homens que o conduziam até o carro do hospicio:

"E, sobretudo, não lhe façam nenhum mal! E' tão bom!"

A angustia ferira-lhe com um golpe violento o fundo do coração, porque, ao afastar-se elle assim de casa, nem reparara nella ao seu lado.

O homem insistiu: "E' necessario estar alerta agora!... Repentinamente, quando ninguem o esperava, teve um accesso de furia e transformou-se num louco perigoso!"

"Oh! mas não me fará mal nenhum. Irá, então, fazer mal á sua mãezinha? — exclamou a senhora Bruseval. — Quem póde assegurar cousas assim de um louco? — respondeu o homem, num tom sentencioso.

E quando elle se foi, a mãe se arrastou até o grande retrato que pendia de uma das paredes lateraes da sala. — Meu Deus! meu Deus! — soluçou. — Fazei com que volte, saberei querer-lhe muito e com elle terei todos os cuidados. Meu filho, encontrarás no coração de tua mãe o logar de sempre!

A idéa de que o filho vagava pelas ruas, era-lhe insupportavel. E quando uma rajada brusca de vento veiu bater no vidro da janella, pareceu-lhe que era a sua propria carne que recebia a chicotada da fria tarde hybernal.

"Onde estará neste momento?..." — pensou. Terá podido achar abrigo em alguma parte? Pobrezinho!... Elle, que se resfriava com tanta facilidade, outr'ora."

Estremecia, curvada como estava, com a cabeça baixa, sob o peso da realidade horrivel. E como uma prece, um só desejo subia-lhe do coração aos labios: "Queira Deus que volte! Que volte o filho de minha carne!"

Mas, pela madrugada, a senhora Bruseval começou a ter medo.

Um ruido por detraz da porta fel-a endireitar-se bruscamente. Ergueu-se, assegurou-se de que a porta estava hermeticamente fechada e procurou comprimir com as mãos ambas as desordenadas pulsações do coração.

Escutou. Som o dia augmentara o vento, afastando as pesadas nuvens densas, amontoadas sobre a povoação. O passo rapido do carteiro na primeira entrega do correio, martellava as pedras agudas da ruazinha, e o "Angelus" da manhã soava no campanario.

— Se acontecesse vir a fazer-me mal?" — pensou a senhora Bruseval.

Sentiu que rapido temor a estremecia da cabeça aos pés. Veio-lhe á imaginação o rosto transtornado do louco sob o arco contrahido das sobrancelhas, dois olhos muito abertos que não reconheciam ninguem.

A aldeia despertava insensivelmente.

As janellas se livravam dos postigos sobre as fachadas humidas.

Ouviu-se o appello da leiteira; o trotar do rebanho, o rechinar metallico da ferraria.

— Em ultimo caso, nada mais terei a fazer do que chamar; os vizinhos acudirão immediatamente — disse comsigo a senhora de Bruseval.

Abriu sua porta e deu começo aos affazeres habituaes.

Mas o medo, um medo latente e tenaz, a intoxicava.

O dia lhe pareceu interminavel. Almoçou deante do fogão apagado de sua cozinha.

A MÃE DO LOUCO

(Conclusão.)

Ousava apenas mover-se; parecia-lhe que cada um de seus movimentos ou de seus gestos poderia ser interpretado como um appello, como um signal.

Entrou, com as sombras, a angustia na casa. Ondas continuas de sangue afogueavam-lhe o rosto. Um suor gelado empapava-lhe as mãos. Fechou os postigos antes de atrever-se a accender a lampada. E, immediatamente, a sombra, a sombra tenaz de uma noite opaca, isolou insensivelmente a casa do resto da povoação.

Muito tarde, alguem chamou á porta da rua, e a senhora Bruseval comprehendeu logo que se tratava de seu filho; era elle que estava ali esperando.

Aproximou-se com passo automatico e, levantando uma vidraça, perguntou:

— E's tu, Paulo?

Não obteve resposta; mas percebeu nitidamente uma respiração profunda e anhelante, de animal fatigado, por detraz da porta.

A senhora Bruseval dirigiu-se, então, sem vacillar, a um movel que se acantoava num angulo da sala e tomou um revolver, cujo aço brilhava debilmente no fundo de uma das gavetas.

Repetiu em voz alta a phrase do guarda:

— Quem póde assegurar alguma cousa de um louco?

E foi em direcção á porta.

Nesse instante, a senhora Bruseval não tinha senão um unico pensamento: "Se me ataca, tanto peor para elle; atiro".

E sua mão direita se crispava sobre o frio metal escuro.

Um punho teimoso tornou a bater na porta.

A anciã correu o ferrolho com a mão livre.

— Que entre, meu Deus, que entre e que acabe com isso de uma vez!...

As mãos se prendiam como garras por detraz da porta.

A senhora Bruseval decidiu-se então a abril-a. E a apparição do louco sobre o umbral coincidiu com a detonação imprevista.

....

....

Quando chegaram os vizinhos, encontraram o filho da senhora Bruseval junto ao cadaver de sua mãe.

Pobre mãe! Nella havia dominado sobre o instincto da propria conservação o amor sublime de mãe, para quem nada, nem a propria existencia, tem valor quando entra em jogo esse sentimento ineffavel que é o amor materno.

A mãe sobrepoz-se naquelle instante a toda outra sensação e nem um unico momento vacillou em sacrificar-se pelo filho adorado.

A anciã se havia adeantado ao gesto abominavel que temia, e quiz morrer, afim de afastar do filho todo o horror de um matricidio.

O louco enxugava com o lenço o sangue que corria da velha fronte esphacelada.

Seus olhos estavam fixos e enxutos. E elle chamava, numa voz de menino enfermo: "Mamãe, Mamãe!"

* *

CRUZADA DE COOPERAÇÃO NA EXTINCÇÃO DA FEBRE AMARELLA

MOSQUITOS

A vida dos mosquitos apresenta quatro mudanças: o ovo, a larva, a nympha, o insecto adulto.

O ovo é posto na agua, ou junto da agua, e delle sae uma larva, em um ou dois dias.

A larva não se desenvolve no lixo nem em animaes podres; vive sempre na agua. Alimenta-se de pequenas plantas e animaes vivos ou mortos que encontra na agua.

Não póde respirar em baixo d'agua; tem de subir á superficie para obter ar. Respira por um orificio existente na cauda.

Seis a sete dias depois de nascida, a larva transforma-se na nympha, que tambem passa a vida na agua. As nymphas (Fig. 1) respiram por dois cartuchos existentes na parte superior. A cauda termina por dois remos, como a cauda dos camarões.

Fig 1

O tempo necessario para o desenvolvimento das larvas e nymphas varia com a temperatura, a facilidade de achar alimento, etc.

No tempo frio, ou quando a alimentação é escassa, o desenvolvimento é mais demorado.

Quando todas as condições são favoraveis, os mosquitos passam dois dias na phase de ovo, seis na de larva e dois na de nympha.

Quando a nympha completa o desenvolvimento, racha-se a casca pelas costas, e della sahe o mosquito adulto.

Poucos minutos passa o adulto em cima da agua: logo que as asas sequem e endureçam, o mosquito levanta o vôo.

Um dos modos de distinguir os mosquitos machos, das femeas, é pelas antennas (Fig. 2) que são plumosas nos machos e de poucos pellos nas femeas.

Fig. 2

Os machos alimentam-se de fructas, succo das plantas, mel, assucar; as femeas, além desta alimentação ainda chupam sangue do homem e dos animaes. Portanto, dos mosquitos só as femeas são parasitas.

A alimentação com sangue é indispensavel para dar-se a postura. Mosquito que não tenha chupado sangue, não porá ovos.

As femeas chupam sangue mais de uma vez; se assim não fosse não poderia dar-se a transmissão de varias doenças pelos mosquitos, pois estes não nascem infeccionados; chupam com o sangue, o microbio de certas molestias e quando vão novamente chupar sangue, injectam um pouco de saliva; nesta saliva vão os microbios para o sangue da pessôa sã.

A digestão de uma dose de sangue dura dois ou tres dias.

Já se conseguiu guardar mosquitos em gaiolas por mais de tres mezes, mas parece que em liberdade não será facil a estes insectos viver tanto tempo, por causa dos inimigos que os perseguem.

No tempo frio, os mosquitos desenvolvem-se mais difficilmente; têm a actividade diminuida. Machos e femeas escondem-se em logares abrigados e pouco frequentados (porões, poços, barracões), onde ficam meio entorpecidos até que a temperatura de novo se eleve.

Quando faz vento forte os mosquitos escondem-se; abrigam-se nos troncos das arvores e nas paredes, na face opposta á que recebe o vento, e ahi ficam até que abrande a ventania.

A familia dos mosquitos tem grande numero de especiaes conhecidas. Estes mosquitos, que se parecem todos, apresentam differenças de fórma, côr e modo de viver.

O mosquito que suga durante a noite nas nossas cidades é em regra o chamado culex. A femea deste mosquito prefere pôr os ovos em agua pôdre.

Os lugares onde commummente se encontram as larvas dos culex, são barris e outras vasilhas, vallas de agua sujas, fossas, fixas, os porões, quando nelles se ajuntam aguas provenientes de canos rotos de aguas servidas, os ralos e galerias de aguas da chuva, etc. A larva do culex possue na cauda um pequeno tubo por onde respira; a larva conserva-se na agua de cabeça para baixo.

Os vermes parasitas do sangue chamados filarias que causam a elephantiase ou perna de elephante, são transmittidos pelo culex e ainda por outros mosquitos.

Chama-se stegomya, o mosquito rajado de branco, que transmitte a febre amarella. As larvas da stegomya encontram-se de preferencia nas aguas claras, em tanques, barris, latas, garrafas, vasos de flores, urnas de cemiterios, calhas de telhados, entupidas ou mal niveladas, cacos, potes, vasilhas imprestaveis abandonadas, cuias e cabaças, agua nos fundos das embarcações, bebedouros de animaes, depositos de agua dos rebolos, baldes contra incendios, pias de agua benta, etc.

Estes mosquitos põem ovos exclusivamente no interior das casas e nas proximidades dellas.

A stegomia deixa os ovos espalhados na superficie da agua e nas paredes das vasilhas junto ao nivel da agua.

O culex põe um a um os ovos, mas a casca do ovo é coberta de grude e o mosquito á medida que os põe vae reunindo os ovos em grupos com a fórma de jangadas (Fig. 3).

Fig. 3

O tubo de respiração das larvas do stegomya é curto e grosso; as larvas vivem de cabeça para baixo como as do culex.

A stegomya suga principalmente de dia. Este mosquito é que transmitte a febre amarella.

As anophelinas são de muitas qualidades; alguns dos mosquitos deste grupo transmittem a febre palustre tambem conhecida por impaludismo sezões, maleitas. As larvas das anophelinas do Brasil encontram-se na agua parada ou de pouca correnteza, em vallas, charcos, lagôas, nos buracos que

CRUZADA DE COOPERAÇÃO NA EXTINCÇÃO DA FEBRE AMARELLA

(Conclusão)

se fazem no chão para certas obras, nos poços, tanques e barris, quando ahi se encontra limo. Vivem deitadas, e não de cabeça para baixo (fig. 4).

A existencia de plantas em uma collecção de agua contribue para que as anophelinas ahi façam a postura. O desenvolvimento das larvas nas grandes massas de agua torna-se difficil devido ás pequenas ondas formadas pelo vento, que não permittem o repouso das larvas; nos grandes lagos e rios e n contram-se larvas, sómente nos logares rasos que entram pela terra.

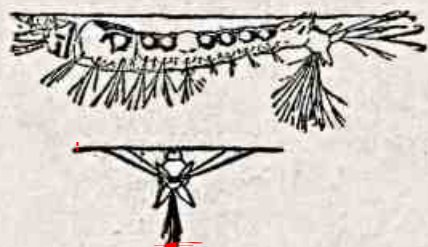



Fig. 4

Quando a anophelina está em repouso o eixo do corpo fórma uma linha recta, quasi perpendicular á superficie em que está pousada, ao passo que o culex e a stegomya têm o corpo quasi parallelo ao plano em que estão pousados. Devido á posição do corpo, as anophelinas em alguns logares do Brasil, são conhecidas por "mosquito prego".

As anophelinas mais communs picam á noite e durante o anoitecer e a alvorada.

LUCTA CONTRA OS MOSQUITOS

Não ha meio pratico para a destruição dos mosquitos adultos em numero tal que faça diminuir muito a quantidade de mosquitos do logar.

E' verdade que a fumigação de enxofre e outras, matam os mosquitos que na occasião estão no interior do predio, mas o numero destes mosquitos é insignificante se o compararmos com o dos que estão fóra do predio e nelle entrarão depois de terminada a fumigação.

A diminuição do numero de mosquitos de um logar obtem-se pela destruição do numero de mosquitos de larvas e nymphas, o que se consegue pela suppressão das pequenas collecções de agua, a limpeza e aprofundamento das margens dos rios e lagos, o emprego de oleos, etc. O oleo mais commummente usado é o kerozene que, lançado na agua, boia e espalha-se formando uma camada que impede a respiração das larvas e as envenena.

Deve-se percorrer cuidadosamente o sitio que se quer livrar dos mosquitos, em visitas que no verão hão de ser semanaes, podendo no tempo frio ser um pouco mais espaçadas.

As vasilhas com larvas serão destruidas, emborcadas, removidas ou enterradas, de accôrdo com a natureza dellas.

As calhas dos telhados devem ter a queda necessaria para que se escôe toda a agua, e devem estar limpas de folhas e limo ou terra.

Nos tanques dos jardins, repuxos, etc., ha grande producção de larvas. Devem-se povoar de peixes que devoram as larvas.

As vallas e valletas para escôamento das aguas devem ser quanto possivel em linha recta pois nas curvas é que ellas facilmente se desmoronam e entopem.

E' facil obter uma criação de mosquitos para observar o seu modo de vida.

Prepara-se uma gaiola com um caixão em que não haja frestas, dois lados oppostos do caixão são tapados com arame de guarda-comidas. Por uma pequena porta introduz-se um vaso com agua (melhor será um vaso já usado de barro ou madeira) tendo no fundo um pouquinho de terra e folhas para sustento das larvas.

Para alimento de adultos: calda de assucar, ou mel de abilhas ou talhadas de fructas. Tome-se cuidado em impedir a entrada de formigas na gaiola, mergulhando-se os pés desta em pires com kerozene.

Guarda-se um fóco de larvas em um vidro cuja bocca se tapa com filó, á medida que das nymphas nascem mosquitos, soltam-se estes na gaiola. Diariamente se observarão os movimentos dos mosquitos, as horas de maior actividade, a postura etc.

BACH

NASCEU em Eisenach (Allemanha) em 31 de março de 1685; morreu em Leipzig a 30 de julho de 1750.

João Sebastião Bach, o mais solido e potente de todos os musicos de sua epoca, iniciador e mestre de Haydn, Mozart, Beethoven, Schumann e Mendelssohn, viu a luz do dia no seio de uma familia humilde, de larga tradição musical, sendo elle o ultimo dos oito rebentos, duas meninas e seis meninos, que teve seu pae, João Ambrosio Bach, "musico da côrte e da cidade".

Orphão aos dez annos, teve que recorrer ao irmão mais velho, organista de Ohrdruf, que lhe deu as primeiras lições de clave sendo tão grande a sua vocação pela musica que, dentro em pouco, o irmão não lhe pôde ensinar mais, encarregando-se então de sua educação artistica um irmão, do pae, de quem recebeu com grande enthusiasmo, as primeiras lições de clavicordio.

Tinha Sebastião 14 annos quando sua desmedida tendencia pela musica levou-o a praticar um acto que dá idéa da paixão que se apoderara de sua alma.

Seu tio possuia varios trechos musicaes dos mais notaveis clavicordistas, mas se negou a emprestal-os ao menino, conservando-os cuidadosamente guardados á chave, o que espicaçava mais ainda a curiosidade do joven musico, cheio de um desejo ardente de conhecer essas obras admiraveis.

Decidido a apoderar-se daquillo que considerava um thesouro, certo dia, ao encontrar-se só no escriptorio do tio, introduziu as mãos por entre as travessas da bibliotheca que tinha uma porta de gelosia, e pacientemente conseguiu fazer um rolo dos papeis e tiral-os, afinal, lá de dentro.

Resolvido a copial-os, como não podia trabalhar senão durante a noite e carecia de velas, viu-se obrigado a escrever á luz da lua. Estava já havia seis mezes entregue á ardua tarefa, e a ponto de terminal-a, quando foi surprehendido pelo tio, que, furioso, arrancou-lhe das mãos os papeis, não podendo elle recuperal-os senão depois do seu fallecimento.

Em certa occasião, um collega de Weimar convidou-o para almoçar, preparando-lhe a seguinte pilheria:

Entre os trechos musicaes collocados na estante de seu clavicordio, metteu um pedaço que não parecia passar de uma bagatella. Bach chegou e, segundo o costume, foi sentar-se diante do instrumento para tocar um pouco e tambem para lançar uma vista d'olhos á musica que estava sobre a estante. Emquanto tocava, o

dono da casa passou ao quarto vizinho. Ao cabo de um instante, Bach deparou com o trecho destinado a modificar a lisonjeira opinião que fazia de si mesmo. Apenas começou a tocal-o, chegou a uma passagem em que se deteve repentinamente. Examinou-o com attenção, recomeçou, para deter-se de novo diante da mesma difficuldade.

— Não! — gritou ao amigo que rompera em gargalhada estrepitosa no aposento vizinho — Ninguem póde pretender tocar á primeira vista toda a especie de musica! — e, muito amolado, afastou-se do instrumento.

Um dia que visitava uns reli-

BACH

(Conclusão)

giosos seus amigos, e estava com elles a passear pelo claustro, parou um momento, escutando com attenção.

— E' o nosso organista, — disse-lhe um dos frades. — Estamos contentes com elle porque toca muito bem, e sobretudo, porque é um homem muito religioso.

— Sim, excellente christão — respondeu Bach — pois a sua mão direita ignora o que faz a esquerda.

Com o que queria demonstrar que tocava muito mal o organista dos frades.

Bach tinha, apezar de suas excellentes qualidades, um temperamento a que nem sempre podia dominar.

Numa occasião atirou com furia a peruca á cabeça de Goerner, outro organista da capella do collegio de São Thomaz, de Leipzig, gritando-lhe ao mesmo tempo:

— Mais valia que tu te tivesses mettido a sapateiro!

O pobre Goerner tinha dado um accorde errado.

O conde Kaiserling, embaixador da Russia na côrte do rei de Saxonia, ia frequentemente a Leipzig e passava longas temporadas nesta povoação, para onde levava o musico Goldberg, ex-discipulo de Bach, e seu amigo muito reconhecido.

De saude delicada, o conde levava parte das noites numa insomnia desoladora, e Goldberg dormia num aposento contiguo ao de seu senhor. Assim que o atormentado personagem o chamava, punha-se a tocar alguma composição de clavicordio.

Certa noite, para distrahir-se, o conde conversava com o musico, dizendo-lhe que desejaria ouvir alguma composição de Bach, expressamente escripta para elle.

Bach, quando soube o que pedia o conde, pensou nas variações, ainda que este genero de composição fosse considerado na epoca como um trabalho muito ingrato, porque a harmonia apresenta periodicamente trechos semelhantes. Mas encontrava-se naquelle periodo de sua existencia em que não podia tocar numa penna sem produzir uma obra prima. E apezar da difficuldade da tarefa, creou alguma cousa de extraordinario.

O conde achou-as admiraveis e chamava-as as "suas variações", não se cansando nunca de ouvil-as. Nas noites de insomnia costumava dizer:

— Querido Goldberg, toque, se me faz favor, uma de "minhas" variações.

Schumann dizia, falando de Bach:

— Todos os dias prosterno-me diante deste grande santo da musica, confesso-me a este genio incommensuravel, cujo culto me purifica e conforta.

A proposito de sua grande arte e da assombrosa agilidade que tinha nos pés ao tocar orgão, escreveu Liebike:

"Bordava todos os themas com os pés tão facilmente como com as mãos. Emquanto os pés executavam trinados inpeccaveis, as mãos corriam velozmente sobre o teclado."

A mocidade é uma só - e esta mesmo póde ser abreviada pelos estragos da saude.

Defender a saude é prolongar a propria mocidade, é dar ao corpo uma graça duradoura que resiste até á velhice.

A fonte perenne de conservação para o sexo feminino em todas as phases da vida é

"A SAUDE DA MULHER"

Favorece as Mocinhas,

porque normalisa o apparecimento das regras, tonificando o Utero e os Ovarios nessa edade perigosa em que taes orgãos, ainda fracos, são facilmente attingidos por grandes perturbações.

Favorece as Senhoras,

porque as conserva jovens, preservando-as de soffrimentos que as fazem envelhecer mais depressa, taes como Flores Brancas, Faltas de Regras, Regras Demasiadas, Regras Dolorosas.

Favorece as Senhoras mais edosas,

porque combate todos os males da Edade Critica, principalmente o Rheumatismo e as Colicas Uterinas.

ANNO XXIII

FON-FON

NUMERO 18

SERGIO SILVA, Director.

Rio de Janeiro, 4 de Maio de 1929.

ALENCAR!

HA trinta annos, mais ou menos, ao se inaugurar, em frente ao Hotel dos Estrangeiros, á estatua de Alencar (aquelle feio bronze tão abaixo da gloria do bello grande-homem!), Machado de Assis pronunciou, naturalmente sem brilho, um pequeno discurso votivo. E nesse pequeno discurso inaugural, Machado, tão contrario á emphase e á oratoria (claro! nem podia ser por menos...), conseguiu um breve milagre de eloquencia, quando, ao perorar, contrariou, em bella e intencional allegoria, a ultima phrase do "Iracema": Tudo passa sobre a terra.

Voltando-se para aquelle inexpressivo bronze, já então descerrado o velario, o psychologo admiravel de *Esaú e Jacob*, o incomparavel "destelhador de almas" cá destas bandas, desmentindo-se ao seu timido desageitamento, teria tomado um entono quasi epico, um passional arroubo de grandiloquencia, para exclamar, com os labios tremulos e a pequena barba agitada que, além dos nazóculos, era só o que havia a illustrar-lhe o rosto sereno, mas apagado, sem irradiação, sem o *coup de foudre* dos homens de genio:

Não, bello mestre! nem tudo passa sobre a terra.

Ao se festejar o primeiro centenario do nascimento do maior cearense (e o futuro nos dirá se não foi tambem o maior brasileiro do seu tempo), é inutil requintar palavras ou colorir florinhas de papel para collocar entre os "pannejamentos" da estatua...

Alencar não passará. Homem de idéas e de sentimentos, patriarcha das nossas Letras e primeiro apostolo e creador de uma possivel lingua brasileira, o immortal cearense não se satisfez em fazer "musica de camera", em ser um grande mestre ensimesmado, alheio ás agitações das ruas e dos plenarios civicos.

Teve sempre a coragem das suas idéas e o pudor dos seus principios, foi grande onde quer e como quer que tenha apparecido e não permittiu que os jornalistas semi-letrados e os politicões analphabetos o reduzissem á condição de vago "poeta promissor" a quem as moças dão um sorriso e os banqueiros dão um logarzinho á mesa ou no salão, nos dias de anniversario...

Grande sonhador e grande luctador! Filho e eponymo desse Ceará illustre, que Deus bamfadou para a dôr e para a gloria, Alencar não foi nem poderia ser um desses nossos "genios" que apparecem de dez em dez annos, "á maneira de...", á maneira de Eça, ou de Flaubert, de Anatole ou de Zola...

Alencar veio e ha de ficar á maneira de si mesmo, á maneira da sua terra e da sua gente.

Bem sei já ter havido um engraçado qualquer (êta, critico profundo!) que descobriu no Gigante um dedo de Chateaubriand ou um fio de barba de Bernardin de Saint Pierre...

Deante disso, o grande orchestrador da lingua virgem dos "verdes mares bravios" ha de permittir-me que tambem eu paraphraseie:

Tudo é possivel nesta terra!

HERMES FONTES

FESTIVAL LITERARIO

E' no proximo dia 8 do corrente que se realizará, no salão nobre do Instituto Nacional de Musica, a corôação da "Rainha dos Preparatorianos", eleita pelos nossos brilhantes confrades do "Correio do Brasil".

A' frente do festival está o sr. Alfredo Sade, secretario daquelle matutino e que organizou um excellente programma, no qual tomarão parte varios intellectuaes de nome. Entre estes figura o nosso companheiro Bastos Portella, que fará uma ligeira palestra, sob o titulo de "Elogio do Conselheiro Accacio".

CONVERSA DE RUA

— Participo-te que estou noivo.
— Meus parabens!
— Obrigado.
— E tua noiva é bella?!
— Não sei.
— Que?!
— Ella ainda não foi medida...

TEVE um brilho pouco vulgar a «Festa do Calouro», em homenagem a «Miss Fluminense», realizada nos salões do C. R. Icarahy, na vizinha capital. «Miss Nictheroy» tambem tomou parte no festival, organizado pelos academicos fluminenses e que terminou com um esplendido baile.

SEIXOS

Quando recordo, eu me convenço de que são, sem duvida, os teus olhos todo o encanto luminoso de minha vida. Desta vida que vou vivendo, agora, quasi sem querer, sem aquelle deslumbramento que te encantava outr'ora, lembras-te?

Não sei muito bem por que, mas imagino seja a tua ausencia a só culpada deste suave envelhecer...

VECSEY

Vecsey estréa hoje... E' uma noticia sensacional para os amadores da musica. Vecsey é o maior violinista dos tempos actuaes. Tem a agilidade diabolica de Paganini e o sentimento divino de Sarasate. Ao mesmo tempo é um artista pessoal que toca como ninguem e que ninguem sabe imitar. Barão Ferenc de Vecsey... Alguem disse: "Paganini e Sarasate precederam-no; Vecsey é no terceto sómente chronologicamente o terceiro" Vecsey estréa hoje, nesta capital.

GLYCINIAS

Estou viajando e estou longe de ti, sobre o mar immenso que soluça commigo, ajudando-me a entôar a canção da saudade. Como é desoladora a quietude desta hora vespertina em que, longe de ti, evoco a tua alegre figurinha! Céo e mar é o que vejo em torno de mim. E só ouço o barulho nostalgico das ondas, misturado aos acórdes melancolicos de um trecho de opera que a orchestra de bordo faz vibrar no silencio luminoso da tarde.

O vapor vae avançando, avançando... E eu vou ficando cada vez mais longe de ti. Mais longe do teu olhar de feiticeira do coração... Mais longe do teu sorriso e do teu suave carinho, e do teu beijo, tão macio e tão claro como o teu loiro cabello de princeza...

Meu amor, a solidão do mar augmenta a solidão de minha alma, nesta quieta hora da tarde em que evoco, desolado e saudoso, a tua alegre figurinha côr de porcelana...

* * *

NÃO podia ser mais brilhante a festa de caridade patrocinada por «Miss Bahia» e em beneficio dos cegos desta capital. Constou ella de um chá-dançante, a que compareceu a «élite» carioca. Os flagrantes que publicamos nesta pagina exprimem bem o que foi o brilhantismo dessa reunião elegante.

O escriptor Oswaldo Orico e sua exma. senhora abriram, na noite de terça-feira penultima, os salões de sua elegante residencia, em Copacabana, para uma recepção em honra das senhoritas Elza Bezerra e Bila Ortiz, que detêm, respectivamente, os titulos de «Miss Pará» e «Miss Rio Grande do Sul». Aquelle nosso confrade nasceu no Estado glorioso e longinquo de Elza Bezerra e madame Oswaldo Orico é filha da terra clara de Bila Ortiz. Dahi o motivo da homenagem tão original e tão expressiva do autor de «Arte de Esquecer» ás duas lindas representantes paraense e gaúcha no concurso nacional de belleza. As nossas photographias fixam aspectos dessa festa de grande brilho mundano, que reuniu figuras de prestigio em nossa sociedade e nas letras nacionaes.

E VANIDADE...

A CARTA QUE SE EXTRAVIOU

O Correio nos faz surpresas interessantes. Não só quando nos leva a correspondência para o estrangeiro, justamente quando ella é dirigida a Botafogo, á Tijuca, ou mesmo a Andarahy, mas tambem quando nos traz uma carta que é endereçada a outro destinatario. E mais curiosa é ainda essa surpresa, mais desconcertante ella se torna, quando no enveloppe vem o nosso nome e, dentro delle, uma missiva que nada tem com a nossa pessôa.

E' esse o caso que occorre commigo. Recebo uma missiva, em cuja sobrecarta leio o meu nome por extenso: "Sr. Y..." etc., etc. Abro-a, e verifico, com certo espanto, que o seu conteúdo, isto é, a carta inclusa, não tem a menor relação com o destinatario. Mesmo porque é dirigida a uma filha de Eva...

* * *

Sou, até certo ponto, um cavalheiro imperdoavelmente indiscreto. Por esse motivo, não posso resistir ao desejo de revelar essa carta que, aliás, me parece muito opportuna. Muito up to date, como diriam os yankees.

Ella vae, portanto, aqui, — sem a alteração de uma virgula — tal como a encontrei no seu enveloppe azul e perfumado...

* * *

"Minha dôce pequena: — Acabo de chegar de um baile esplendente. Um baile sumptuoso. Um baile onde dancei com duas ou tres "misses".

Sabes o que é dançar com uma "miss"? E' a maior victoria que um homem elegante póde alcançar — nestes ultimos dias de gloriosas bellezas.

Ahi, no recanto virgiliano da tua "fazenda", na quietude da "casa grande", que reponta sobre o morro alto, olhando a ondulação dos cafesaes, sob o céo azul do verão, tu, minha dôce menina, não podes imaginar o que é a vertiginosidade da vida mundana, aqui no Rio. A vida mundana nestes dias de "misses" e festas.

A concorrencia é atordoante. E, por isso, só as figuras de prestigio, as figuras que se recommendam em nossa élite, é que podem merecer a honra de uma approximação com as "misses". Comprehenderás, assim, a arte, a habilidade, os estratagemas e a argucia que tive de pôr em pratica para conseguir dançar com duas ou tres "misses", de cujos nomes não me recordo mais.

Dirás que sou um tanto indifferente; um blasé, um homem que s'en fiche das glorias difficeis que alcança... E, na tua ingenuidade de moça provinciana, cheia de timidez e recato, perguntarás, admirada: "Achas pequena a gloria de dançar com uma "miss"? Ellas, que vivem n'uma nuvem de incenso, rodeadas de uma multidão de admiradores? Conseguiste transpôr essas muralhas humanas... Chegaste até perto dessas bellezas tão proclamadas — pelas tubas da Fama... Rodaste com ellas á trepidação dos foxs, dos sambas, dos maxixes e, no fim, falas desse triumpho como si elle não representasse uma formidavel conquista?"

PENSATIVA. «Miss Rio Grande do Norte» tem a attitude das suaves madonas desconsoladas; e como aquella musa de Camille Mauclair, «elle doit être assise là le matin... penchant la tête comme un petit bouquet fatigué». Por que esse ar melancolico? «Miss Rio Grande do Norte», que é a senhorita Marietta O' Grandy Paiva, se desola porque não poude vir ao Rio mostrar a seraphica belleza do seu rosto...

(Annunciato — Photo)

Sim, minha dôce pequena, certamente has de raciocinar desse modo... Mas eu te direi que não desprezo a gloria que alcancei. E, si, porventura, dou-te a impressão de ser um homem displicente, um homem que não chega a embriagar-se com as proprias victorias, como Napoleão, é porque, pelo menos, no caso das "misses" brasileiras, eu não tenho grandes enthusiasmos, senão pela tua belleza maravilhosa. Sim, minha linda garóta, minha "Miss Brasil" és tu! A soberana da belleza patricia, a expoente da belleza da Raça, da nossa Raça, — és tu! E's tu, simplesmente!... Si a belleza é uma coisa relativa, si ella vive dentro dos nossos olhos, devo dizer que "Miss Brasil", aquella que reúne a graça, o encanto, o rythmo, o movimento, as mil e uma expressões e nuances de vida, e de belleza, és tu, — que vives para ahi, nesse rincão deserto da minha patria querida.

Eis porque, no tumulto, na vibração constante da vida mundana, dançando nas festas chics, com as "misses" gloriosas e bellas eu me alheio a tudo para só pensar na tua belleza moça, em ti, minha dôce garóta, que és a minha "Miss Brasil"...

. . . .

O resto da missiva não tem grande interesse para esta chronica. Mesmo porque, o meu intento era revelar a surpresa que o correio me trouxe, hoje, mal começava a minha tarefa habitual...

PREGUICE — E' nestes dias bellos, cheios de claridades de séda, inundados de luz, mornos e suaves, que penso em ti, minha doce morena de perfil arabe.

O nosso amôr não conhece senão os dias turvos, vestidos de brumas e de nevoas, que bailam no ar como longos sudarios esgarçantes. E em torno, o frio que dá a morte, e arrefece os beijos como si viessem de além-tumulo...

Tu não conheces a alegria deste sol, o banho de luz destas praias cariocas, a mocidade esplendente desta terra, que se fez para o enlevo dos olhos e as volupias chammejantes do amôr.

A tarde brilha lá fóra como uma apotheose do verão, que se extingue. Brilha mais do que sempre. Nos canteiros dos parques, nas touceiras verdes dos jardins, onde os pardaes fazem a sua festa pagã, as rosas de abril se desabotôam, se abrem para o beijo da luz, desabrocham como boccas arquejantes de amôr, ou como seios impúberes, que estalassem de vitalidade e de seiva.

As fôlhas verdes, crespas e novas, arrepiadas á caricia do vento, dizem da pompa vegetal desta terra de luz, desta cidade scintillante, tão cheia de encantamentos soberbos!

Ah, si estivesses aqui, aqui a meu lado! Descalços como as crianças das escolas, ingenuos e simples como os personagens de romances, Paulo e Virginia — esse Paulo e essa Virginia, que fizeram a delicia dos teus anseios romanticos, no tempo em que ainda não eras uma mulher de espirito — nós dois iriamos rompendo a areia humida da praia, cabellos ao vento, a face ao sol e o coração aberto para o amôr.

Para traz iriam ficando a marca dos nossos pés, impressa na areia dourada e lisa, e a canção, a fugidia canção dos nossos beijos frementes...

E, depois... Depois... Que será logico pensar de um futuro de amôr? Si o amôr ha de ser sempre uma surpresa, bôa ou má, mas desorientadora surpresa?

Sim, meu amôr, não pensemos no futuro. Elle nos dá a certeza de que só existe nas suas brumas, nos seus hroizontes insondaveis, a velhice — que é uma fórma de morrer, — vivendo na exuberancia da vida.

Vivamos o minuto presente, que só por elle é que a vida é bôa. Só por elle é que se póde ter uma impressão real da existencia...

Eis o que penso, o que sinto, sonho e anseio — nestes claros dias de abril, em que o sol tem faiscações douradas e as rosas parecem seios de donzellas que estalassem de vibração e de seiva...

...E, no emtanto, a tua cidade é fria e garoenta. E' fria como a tua alma, é fria como os teus beijos, é fria como a tristeza que dorme no fundo dos teus olhos escuros e scismativos... Imagino que á hora em que escrevo este canto de saudade, á luz fremente deste sol fecundante, a tua cidade ha de enrolar se na sua champa de garôa e de brumas, numa melancolia suave e repousante...

E, de repente, uma transição brusca se opéra no meu intimo...

Uma tristeza lenta, que tem gestos macios e attitudes de séres convalescentes, se derrama sobre a minha alma emotiva. E' a saudade! A saudade que parece um "crépuscule pluvieux"... em que...

L'ennui descend sur moi
[comme un brouillard
[d'automne
Que le soir épaissit de
[moment en moment.
Un ennui lourd, accru
[mystérieusement,
Qui m'opprime de nuit
[épaisse et monotone;

Pourtant nul glorieux
[amour ne m'a blessé
Et c'est sans regretter
les heures envolées

«Miss - Bahia», em cujos olhos a graça da mulher brasileira se reflecte com o mesmo «double-sens» do seu sorriso luminoso... «Miss Bahia» é a galante figurinha de salão Nair Pedreira de Freitas.

Que je revois au loin, vagues formes voilées,
Mes souvenirs errants au jardin du passé...

CARICATURA — Oh, os senhores não a conhecem? Ella é magrinha. Enfezada. Dizem que nasceu de sete mezes. E assim, de sete mezes, enfezadinha, ella foi vivendo a sua vida. Passou pela infancia — enfezadinha; chegou á adolescencia — enfezadinha; passou pela mocidade, — sempre enfezadinha. Agora, entra na maturidade; está ficando mulher balzacqueana — e continúa enfezadinha como nasceu.

Chama-se... Oh, os senhores não serão assim indiscretos, para exigir que revelem o nome dessa criatura caricatural.

Chamemol-a Senhorita Enfezadinha. Senhorita ou madame? *That is the question!*

Mas não será por causa do estado civil dessa desprotegida da sorte que deixemos de fazer a sua caricatura...

Enfezadinha (senhorita ou madame) fala um pouco de francez. Muito pedante por isso, e muito ridicula porque não sabe a sua lingua materna, ella veiu — sempre enfezadinha — de etapa em etapa, de phase em phase da sua existencia, a escolher os noivos que nunca lhe appareciam.

— Quero casar com um principe!

— Não é muito, menina?

— Qual nada! Então uma criatura como eu é lá para casar com um burguez?

Passam-se os annos.

— Quero casar com um doutor!

— Um doutor? E você burrinha como é, póde lá casar com um doutor?

— Que tem isso? Ha por ahi tanto doutor como eu...

Decorrem os mezes. A Enfezadinha, feia como um caso teratologico, continuou a esperar o doutor. Como este não apparecesse, resolveu mudar de tactica.

— Quero casar com um capitalista. Só assim terei um *bungalow* e uma *limousine*.

— Você, com essa cara de vinte e nove annos e feiinha como um morcego, quer mesmo um capitalista?

— Ora essa! Quem ao feio ama bonito lhe parece...

Novos mezes. Novos annos sobre a mocidade de d. Enfezadinha (senhorita ou madame?)

E ella:

— Ai! ai! Só queria casar com um caixeiro de armarinho!

— Você já se contenta com um caixeiro?

— E então?! Com essa crise de noivos...

Depois, desejou um guarda-nocturno, um chauffeur, um baleiro, um carregador... E nada! Ficou solteirona.

Pois não é que essa predestinada do celibato forçado deu agora para fingir de "jeune fille"? Parece que está na flôr dos seus dezeseis annos. E' um *bijou!* Uma gracinha! Fala em bonecas, em bonbons, em "prince charmant", e diz que tem mêdo de barata, do amor e do numero 13!

Sim, senhores! Só dando uma surra de chinelo em d. Enfezadinha... Não é razoavel?

UM lindo sorriso de «Miss Piauhy». Um lindo sorriso que exprime, simultaneamente, a dolencia, a ternura e a franqueza espontanea que caracterizam a alma nortista. «Miss Piauhy» é a galante senhorita Antonia de Arêa Leão.

(Photo De los Rios)

REVERIE — De Yves

— Ah! as queixas infundadas! As queixas que produzem maguas mais fundas do que ellas proprias!

Afinal tu te queixas do meu silencio, como si elle não estivesse cheio da tua saudade, cheio da recordação dos teus olhos, do teu sorriso, da tua vida, emfim, que é toda feita de coqueteria e belleza!

Sim, meu amor!

Si tu pudesses vêr de que tristeza é feita a dôce lembrança que me vem do teu amor vacillante...

Como é difficil exprimir os mesmos sentimentos de uma alma, sem repetir as palavras de sempre!

Não, meu amor, eu não me encerro neste silencio que tem a imagem das coisas mortas e extinctas — porque meu pensamento se evada para outro amor, — como uma mariposa dourada e tonta de luz á attracção illusoria de uma lampada vazia...

Oh, não, meu querido amor!

O meu silencio é eloquente como a sua propria mudez: é o silencio do extase, do sonho, da abstracção amorosa, que se alonga para não quebrar a belleza e o deslumbramento das coisas que apenas se pensam, das coisas que ficam a dormir na rosa da nossa imaginação como o estranho perfume de um mysterio...

MISS PARÁ

A' Sta. Elza Bezerra.

Elza:
A luz daquelle sol que trouxeste nos olhos,
Na luminosidade que elles têm —
Possa aureolar meu sonho — a lembrança da terra
Que aqui no coração, inteira, se contém.

A distancia! Não importa!
A saudade aproxima-a!
Sentimol-a tão perto, estreitamente unida,
Cantando dentro em nós como um sino de ermida
Num dia feliz e esplendido de festa.

A Terra —
A Nossa Terra — aqui está.
Neste momento és Tu!

E canta pela voz dos rios, das florestas, dos campos,
Nossos campos de limpidos relvados,
Sangrando ao pôr do sol, ao vir dos pyrilampos,
Das garças — tuas irmãs de graças demandando,
No pouso acolhedor o ninho bom e amigo.
Como vejo-a, tão bem! Como sinto-a de perto!...
Os meus igarapés se engrinaldando
Num caminho aromal e intermino de flor...
E é bôa a evocação!... E' bôa e grata
Que nos faz reviver essa terra distante,
Patria do nosso amor!

Que importa, pois, o tempo?
E a distancia... que importa?
Se eu estou a ouvir ainda a reza e as cantigas,
Ao balanço dolente das maqueiras
Nossas lendas — tão novas, tão antigas...
De yaras, de boiuna e matintas-pereras...

E o farfalhar sonoro das mangueiras,
De verdes galhos e verdes as frondes,
Hymno melhor da minha cidade linda!...
Eu te saudo, irmã, no symbolo que és Tu!
Ajoelhemos, pois, o coração e a alma
E a genuflexão do espirito o eleve,
Como num vôo luminoso e leve
Ergueu-se a garça que se fez menina.

A encantadora «Miss Pará», a quem o poeta Paula Barros dedicou os versos que publicamos nesta pagina e que foram declamados, com successo, pelo seu autor, na elegante festa em homenagem á senhorita Elza Bezerra.

(Photo De los Rios)

Eu te saudo irmã,
No meu rito de fé á graça e á formosura.
Tu que de longe vens, da Radiosa Planura
E o meu ser de poeta imaginou:
Ser yara gentil — yarazinha encantada
Ou flôr de uma victoria-regia, estylisada,
Que um sonho de luz transformou-se em mulher!

PAULA BARROS.

SABBADO ultimo, os salões do Club de Regatas Botafogo abriram-se para um festival literario, em honra a «Miss Pará», e cujo programma foi cumprido por varios intellectuaes e figuras das mais festejadas em nossos salões de arte e elegancia, como Povina Cavalcanti e Paula Barros. Ahi está um detalhe expressivo dessa festa de espiritualidade e de encanto.

ENLACE ALVES DE CAMARGO - MUNHOZ DA ROCHA

Foi uma nota social de grande repercussão nos circulos de Curityba o enlace nupcial da filha do presidente do Paraná, dr. Affonso Alves de Camargo, a gentil senhorita Flora Alves de Camargo, que se casou com o dr. Bento Munhoz da Rocha Netto, de familia tradicional e illustre daquelle Estado e figura de relevo na sociedade local. As photographias desta pagina focalizam aspectos dessa cerimonia, vendo-se, ao alto, a senhorita Flora Alves de Camargo e o dr. Bento Munhoz da Rocha Netto entre as 44 «demoiselles d'honneur» que constituiram a côrte da noiva; ao centro, esta, sozinha, em traje nupcial, e, em baixo, os noivos com os respectivos progenitores: o presidente Affonso de Camargo e senhora e o senador federal Munhoz da Rocha e senhora.

A GLORIFICAÇÃO DE JOSÉ DE ALENCAR E A ORAÇÃO DE GUSTAVO BARROSO, EM FORTALEZA

O dr. Gustavo Barroso, redactor-chefe de FON-FON e membro da Academia Brasileira de Letras, que, como representante desta instituição, fez o discurso official, por occasião da inauguração da estatua de José de Alencar, na capital cearense.

Coube a Gustavo Barroso — o nosso querido e illustre companheiro — a missão honrosissima de, por acclamação unanime de seus pares representar a Academia Brasileira de Letras da qual é membro illustre, — nas festas commemorativas do centenário de José Alencar, que se realizaram, em Fortaleza, quarta-feira ultima.

Com a inauguração do monumento do grande escriptor patricio — até hoje a maior gloria das nossas letras — o Ceará, sua terra natal, acaba de prestar-lhe a mais expressiva consagração, perpetuando no bronze o vulto do excelso creador do "Guarany" e de "Iracema".

Figura das mais representativas da intellectualidade nacional, neste momento, sagrado "immortal" "sous la coupole" do Petit Trianon, e também filho da terra gloriosa das jangadas e das jandaias, Gustavo Barroso teve a honra de, junto á estatua de José Alencar, ha pouco inaugurada, render a homenagem da Academia Brasileira de Letras ao escriptor magnífico que a alma e o coração da Patria, que elle tanto exaltou, glorificou e honrou — no romance, no jornalismo, no theatro, na tribuna, e na vida publica — já haviam consagrado no culto e na reverencia da sua admiração e do seu amor.

A fulgurante oração de Gustavo Barroso, que FON-FON *publica, a seguir, de primeira mão, traça, de modo scintillante, a physionomia literária do grande brasileiro cujo centenário foi, ha pouco, commemorado, festivamente, na terra gloriosa de Iracema e dos verdes mares bravios, e em todo o Brasil.*

....

AS LIÇÕES DO MONUMENTO

Duas grandes lições encerra este bronze para as nossas almas cearenses. A primeira é a da Intelligencia. A segunda é a da Vontade. Numa, o menino que nasceu na velha e querida, pobre e pacata Mecejana mostra-nos que o talento alliado ao trabalho, a despeito de tudo — do silencio dos invejosos e da calumnia dos despeitados, da má vontade dos incultos e da injustiça dos poderosos — leva segura e fatalmente á gloria. Desmente, assim, o conceito pessimista do proprio José de Alencar: de que a gloria é um *fog ode palha*. Já lá se vão cem annos que elle abrio os olhos á luz e esse fogo não se apagou, pelo contrario, continua a arder cada vez mais vivo.

Permitti que vos conte, rapidamente, uma historia medieval. Na lenda celtica da maravilhosa viagem de S. Brandão em busca do paraiso, ha este episodio symbolico: No mosteiro da ilha da Eterna Mocidade, o santo vira sobre o altar cirios cuja chamma nunca se apagava e cuja cêra jamais se derretia.

— Como póde ser isso? perguntou o abbade. Como póde uma vela queimar e illuminar sem se consumir?

E o velho monge lhe respondeu:

— Nunca léste que Moysés vio no monte Horeb um sarçal em fogo? Pois bem, a moita não se reduzia a cinzas, porque as suas labaredas eram producto do espirito e não producto da materia.

Assim, são as chammas eternas da gloria.

A segunda lição nos demonstra que o Querer é a maior força do mundo. Como se ergueu nesta praça ensolarada a maravilha desta esculptura? Como se reunio a fortuna necessaria para fazel-a surgir deste chão generoso, mas pauperrimo? Foi o prodigio da tenacidade. Foi o milagre do Querer. E as crianças, cujos olhos curiosos se fixam nesta estatua, devem guardar comsigo as minhas palavras e aprender nesses dois ensinamentos a amar o nosso torrão soffredor e grande nas suas glorias legitimas e a servil-o com a coragem e com a fé dos benemeritos promotores deste monumento.

AUTORIDADE E EMOÇÃO

Falta-me, sem duvida, autoridade para falar desta sorte áquelles que me rodêam, sobretudo aos que encerram nas suas almas em flôr as promessas todas do nosso futuro; mas sobra-me a emoção, porque neste átrio doirado pelo ardente sol do Ceará vejo perfilar-se deante de mim, na torre branca da velha matriz do Patrocinio, o campanario de minhas melhores recordações infantis. Alli, naquella esquina, era o meu collegio e aqui, sob estas arvores, era o meu recreio. Alli, aprendi as primicias das sciencias, das artes, das letras e da moral. Aqui, brinquei descuidoso e bulhento com os amigos e companheiros de infancia que vivem dentro do meu coração, embora o vento do destino os tenha espalhado para todos os lados ou a foice da morte os tenha segado na sua colheita fatal.

Falta-me a autoridade, repito, porém me sobra a emoção. E eu sei que todos a devem sentir na humidade de meus olhos e no tremor de minha voz.

A FIGURA EXCEPCIONAL DE ALENCAR

Senhores,

Eu nunca esperei que os fados me reservassem a honra deste momento. Nunca pensei que, representando, como Secretario Geral da Academia Brasileira, a mais alta e mais prestigiosa corporação literaria do paiz, me fôsse dado falar-vos no dia do centenario de José de Alencar e na terra que nos vio nascer.

Todavia a occasião não me parece propria para um estudo profundo, concatenado e sério da figura e da obra do grande escriptor. Meu espirito tem de planar ligeiro sobre os factos e de resumil-os rapidamente em si, afim de vos offerecer um singelo perfil daquelle que glorificamos. Como fazer-vos, neste logar, de sua obra o eschema analytico de Hennequin ou a discriminação dos factores da influencia com Sainte Beuve? Como estudal-o dentro dos processos criticos de Taine, de Faguet ou de Brunetière? Como ir buscar tudo quanto delle disseram Taunay e Araripe Junior, Verissimo e Sylvio Romero?

Escreveu Remy de Gourmont que alguns homens recebem o dom particular de sêrem distinctos dos outros e exigem do observador uma attenção especial, porque, emquanto os demais se classificam pela similhança, elles se determinam pela excepcionalidade. São os individuos que elle mesmo denomina differentes. José de Alencar era um delles. E, quando seus biographos me contam que tinha orgulho, sorrio pensando que isso lhe vinha do sentimento intimo e profundo dessa differença.

Espirito de luz, caracter inquebrantavel, o franzino cearense que a mordacidade de Zacharias de Góes e Vasconcellos, batido por elle com vantagem na tribuna, alcunhara o *famulinho*, foi, no dominio das letras, entre nós, aquelle que dedicou á patria o mais acendrado culto

pantheista e cujas tendencias artisticas, a despeito da continua exaltação das verdades basicas pela imaginação, para augmentar os effeitos e alevantar o espirito, tiveram mais vibrante sinceridade. Tudo nelle é profundamente sentido, e fugio pelo culto das sonoridades e da fórma daquelle feio peccado ao mau estylo de que nos fala Santo Hilario de Poitiers. O seu nativismo prolongou, mas augmentando-a, a corrente emanada de Gonçalves Dias e de Gonçalves de Magalhães. Nelle, a imaginação veste com demasiado viço de trepadeiras floridas o tronco rugoso da verdade. Cobre-o quasi sempre totalmente. Que importa assim seja, si na sombria humidade das jytiranas e dos cipoaes em flôr a verdade existe? Na sua arte, realiza, dentro das feições do romantismo, o principio platonico do esplendor do verdadeiro. Sua imaginação extraordinaria levou-o ao exaggero do maior esplendor. E o seu estylo é como uma festa.

VERDADE E IMAGINAÇÃO

Victor Hugo affirmou que Corneille realizara a grandeza, Molière a verdade e Shakespeare fôra maior do que ambos, por ter alliado o verdadeiro ao grande. José de Alencar, em orbita differente, ampliou o processo shakespeareano e levou a verdade até os maiores exaggeros da imaginação. Alimpae-a dos festões ornamentaes e a encontrareis onde menos a esperaveis, sustentando tudo. Esse é um dos segredos da immortalidade de sua obra.

Desde que estreou até hoje, a critica miuda, desprezando a grandeza dos aspectos, a magnitude das bellezas e a amplitude dos symbolos, divertio-se em apregoar as impossibilidades e os erros dos seus romances. Elle ignorava, diz um, a topographia do Ceará, pois faz Iracema banhar-se na Porangaba, pescar no Mucuripe e almoçar na Pacatuba, como si entre esses logares mediassem kilometros e não leguas. Fazia, accrescenta outro, os indios discursarem como os de Gonçalves Dias e de Chateaubriand, pensarem e agirem como civilizados. Pintou Pery, exclama um terceiro, amarrando uma onça sózinho!...

Trabalho inutil o dos criticos! Que têm a vêr essas minudencias com o plano geral da obra, o seu fundo e a ourivesaria da sua linguagem? Serão acaso os romances absolutamente naturalistas de Zola mais bellos e mais eternos do que a fantasia extravagante e esplendidamente exaggerada e maravilhosa duma cathedral gothica? Em que prejudicam essas ninharias as figuras sympathicas e eminentemente brasileiras de Pery, de Iracema, do sertanejo e do gaúcho? Quem tem tido, na nossa patria, vida mais intensa — esses indios falsos ou esses criticos subtis? Teve algum dia, além de Fenimore Cooper, o forçado abraço de conquistadores e conquistados á face das Americas que amanheciam, os mysterios das mattas virgens, a alma das praias brancas, a esmeralda liquida do mar, cantor mais sublime?

A tela, o bronze, o marmore, a rima, a musica e o canto, todas as outras artes se reuniram para glorificar e para perpetuar os heróes e as heroinas do escriptor cearense. E a nossa amada terra é e será sempre a Terra de Iracema, a Terra da Jandaia, quer os criticos miudos queiram ou não queiram que ella cante ou não cante nas frondes da carnaúba.

Ás vezes, a verdade vive sómente pela imaginação que a alimenta.

RAPIDO PERFIL DO ESCRIPTOR

Essa verdade profunda, sobretudo na emoção, doidamente enflorada de relevos, vinha de sua infancia no perfume inesquecivel do nosso querido sólo. Arthur Motta escreveu a seu respeito: "Recebeu a influencia das primeiras observações na quadra em que as imagens ficam estereotypadas no cerebro, e hauriu a tradição ministrada pelos seus ascendentes nascidos no mesmo meio."

O calor do Ceará não se apaga jamais na alma de seus filhos, apesar das distancias no espaço e no tempo. E' um lume vivo que todos conservamos como a lampada que se avista sempre accêsa ante o sacrario, na sombra duma capella recuada. Os susurros do despeito accusaram-no, como têm accusado a outros, de ter deixado extinguir-se a chamma sagrada. Não foi verdade. Não é verdade. Não existe dentro do cearense coisa maior do que o amor do Ceará! José de Alencar era tão profundamente patriota que exclamou: "A literatura nacional outra coisa não é do que a alma da patria."

Romancista nato, abraçou nas suas concepções, em que a influencia dos autores estrangeiros entra como um simples condimento e na sua lingua, que desejava independente de Portugal como o proprio Brasil, a historia, o regionalismo, o indianismo, o campo e a cidade, os vicios e os sentimentos. Comediographo e dramaturgo, levou á scena as emoções e os costumes. Poeta, fez a condoreira apologia de seu paiz, prophetizando-lhe a grandeza e acreditando nelle "como cria em Deus!" Jornalista, burilou a chronica leve, borboleteou no folhetim gracioso e teceu a ironia com a doutrina e a logica nos artigos de polemica. Politico, combateu "sem tregua o dominio da immoralidade" e mostrou ao Imperio, em pleno apogeu, os mesmos vicios e os mesmos erros que hoje julgamos privilegio da Republica. Jurisconsulto e constitucionalista, terçou as armas da hermeneutica e ventilou as questões de fundo e de fôrma. Orador, emfim, combateu da tribuna, com vantagem, os Cotegipes e os Zacharias. E notae como a posteridade ama mais os homens de letras do que quaesquer outros, embora os seus contemporaneos não lhes concedam a estima que merecem: ainda se não ergueram e talvez jamais se ergam no Brasil estatuas aos seus adversarios politicos.

AS DUAS OBRAS PRIMAS

Por tudo, em tudo e de tudo se sente em José de Alencar aquella differença accentuada na pagina de Remy de Gourmont. Porém, como os brilhantes possuem facetas maiores, no conjuncto de sua obra se distinguem dois livros, cuja gloria sómente poderá morrer no dia em que não haja mais o Brasil e se extinga o derradeiro homem que fale a nossa lingua. Um é profundamente brasileiro e o outro profundamente cearense. Assim, a personalidade do prosador se projecta sobre o torrão natal e sobre a grande patria. Completa-se no seu idealismo das origens nacionaes, de modo que se póde abstrair tudo quanto fez e só *O Guarany* e *Iracema* bastarão para que o seu nome viva pelos seculos. No pedestal deste monumento, para caracterizal-o, não se careceu de gravar outros baixos relevos.

No primeiro livro, é o Brasil das bandeiras e das aventuras, das paixões primitivas e das lutas épicas com o indio, a féra, a floresta palpitando cheios de vida e as tramas do amor preparando as mestiçagens do

JOSE' de Alencar — o excelso romancista, cujo centenario foi brilhante e condignamente commemorado em todo o paiz e, principalmente, na sua terra natal — o Ceará —, em cuja capital foi inaugurado o monumento do immortal creador de «Guarany» e de «Iracema».

FILIGRANAS

Dizes-me ás vezes que me consolo muito facilmente em te não vêr e que pouco caso faço de me encontrar comtigo. Não é verdade. Ha muito tempo que ando com o desejo de copiar para nosso uso, meu e teu, este pedacinho de oiro de Marcel Prevost, nas admiravelmente futeis Feminités:

"Je me passe parfaitement de vous quand vous n'êtes pas là; mais soyez tranquille, mon désir de vous retrouver dont intact; votre présence le fera revivre..."

Lêste? Entendeste? Tens ainda alguma coisa a reclamar? Tens, eu sei: é aquelle *je me passe parfaitement de vous*. Não é? E' sim. Pois bem, eu o retiro, porque é mentira...

O senador Epitacio Pessoa, ex-presidente da Republica e actual juiz da Côrte Internacional de Justiça, de Haya, seguiu domingo para a Europa, acompanhado de sua exma. familia. Sua ex. viajou no «Duilio» e teve um embarque concorrido de figuras representativas de todas as classes sociaes, o que, mais uma vez, poz em relevo, de maneira significativa, o grande prestigio de que ainda goza em sua terra o eminente brasileiro, que é um dos nossos maiores estadistas.

amanhã. Cantam os passaros multicôres, zunem as settas hervadas, o pêlo mosqueado da onça alcatifa o fundo das cavernas e o rumor das cascatas crystallinas quebra o silencio das abruptas serranias que se perfilam, solemnes como os canudos dum orgão cyclopico, no amplo e liso azul do firmamento.

No segundo livro, é o Ceará que acorda sorrindo, entre as lagôas tranquillas e as dunas de prata, entre os carnaúbaes gementes e as montanhas verdes, entre os carrascaes agrestes e os vastos sertões batidos de sol. Tabajaras e portuguêses encontram-se e combatem ou amam. As graúnas cantam nas frondes e as aguas mansas reflectem a porcelana do céo. O vôo branco das garças perde-se na amplidão, como as velas de jangadas celestes. E sobre os cinco paus da embarcação symbolica do nosso denodo e da liberdade dos escravos o primeiro cearense emigra do berço qual si fôra o pioneiro do destino tragico e infeliz da raça mais audaz e caracteristica do Brasil.

A nossa patria amanhece para a vida, assim, entre o vulto altivo e heroico de Pery, e a imagem dôce e resignada de Iracema.

ALENCAR E MACHADO DE ASSIS

Senhores,

Quando se inaugurou a estatua de José de Alencar no Rio de Janeiro, foi orador em nome da Academia Brasileira o grande Machado de Assis, seu presidente, que perorou com estas palavras: "A philosophia do livro (referia-se a *Iracema*) não podia ser outra, mas a posteridade é aquella jandaia que não deixa o coqueiro e que, ao contrario da que emmudeceu na novella, repete e repetirá o nome da linda tabajara e do seu immortal cantor. Nem tudo passa sobre a terra."

A glorificação definitiva de José de Alencar não foi, porém, essa que se realizou ha muitos annos no Rio de Janeiro, onde elle obteve os seus triumphos e fez a sua carreira. A glorificação definitiva da posteridade que lhe repete o nome é esta — na sua terra e na sua gente. O que fazemos todos aqui em redor deste bronze não é só a commemoração do nascimento dum escriptor celebre, mas a glorificação do espirito que elle representou e esse espirito foi o da propria terra cujo sol lhe aqueceu a imaginação e cujas paisagens jamais se apagaram da sua memoria. Alencar não é mais uma personalidade. Subio mais alto. E', como Iracema, sua creação, um symbolo do Ceará.

Bemdito seja, senhores, o artista que attingio a esse apogeu e tres vezes bemdita a terra sagrada que o vio nascer!"

O sr. Henry Willmot Sloper, figura do nosso alto commercio, chefe que é de uma das mais importantes firmas da nossa praça, seguiu, domingo ultimo, para a Europa, acompanhado de sua exma. familia. Ao cáes do porto, afim de levar cumprimentos de despedida á familia Willmot Sloper, compareceu elevado numero de pessoas de destaque social, como documenta o flagrante que vae acima publicado.

FOI um acontecimento de grande brilho artístico e mundano o «vernissage» que o illustre pintor Levino Fanzeres offereceu aos seus amigos e admiradores, na sua generalidade artistas e escriptores de nomeada. A exposição de Levino Fanzeres, nos salões da Galeria Jorge, tem tido uma concorrencia extraordinaria, attendendo, sem duvida, á originalidade do certamen, em que se acham expostos vários quadros seus, com autographos de escriptores conhecidos.

A senhorita Aminta Rosich, filha da exma. viuva Cruz P. de Rosich, commemorando a sua data natalicia, recebeu as suas amiguinhas, numa festa intima, que teve todos os encantos das reuniões femininas. Foi no palacete do commandante Silvino Freire, cunhado do gentil anniversariante, que se realizou a linda festa da senhorita Aminta, que ahi apparece com as suas amiguinhas presentes.

::: PAINEL E AZULEJOS :::

ERRO DE APRECIAÇÃO

No Brasil, o maior defeito dos criticos — e são tantos! — é torcer o nariz a tudo o que é brasileiro. Vem de longa data o véso. Antigamente, nas eras coloniaes, o que era bom procedia do Reino. Depois, durante o Imperio e até os dias da Republica, só o que é estrangeiro é que vale. E a coisa chega a tal ponto que para se acreditar um producto de nossa propria industria é necessario mascaral-o de exotico.

Dahi o pessimo costume de falar mal do Brasil. O paiz não presta por isso, por aquillo e por aquillo outro. O paiz nunca prestou devido a estas e áquellas circumstancias. O paiz jamais prestará em virtude de taes e taes motivos.

E tudo isso não passa dum erro de visão: o brasileiro entende de apreciar o Brasil, não como elle em verdade é, porém como o seu raciocinio queria que fosse...

PAULISTA DE MACAHE'

No fundo, as almas de todos os povos são gemeas. Dahi as analogias e similitudes, nas linhas geraes, entre ellas. Quando se pensa que uma idéa é puramente de certa nação, verifica-se que não é e que outros já a tiveram. Não ha imitação nem plagio inconsciente. Ha natural encontro de idéas.

Querem um exemplo? Como o sr. Washington Luis, actual chefe do Estado, tenha nascido na velha cidade de Macahé, no Estado do Rio, feito toda a sua carreira em S. Paulo e chegado a predominar na politica dessa grande unidade da Federação, o agarotado publico carioca denominou-o com espirito — Paulista de Macahé.

Pois bem, na Argentina, o grande D. Domingos Sarmiento, que chefiou a politica de Buenos Aires e chegou através della á presidencia da Republica, não tivera a dita de nascer na capital e sim numa provincia distante. O povo de Buenos Aires chamava-o, com infinita graça — el porteño de S. Juan.

Cá e lá...

CENTO E VINTE MILHÕES DE BRASILEIROS

Lia o outro dia uma publicação official sobre o crescimento da população do Brasil, com dados interessantissimos. Por ella vi que nós eramos 1 milhão e novecentos mil em 1776 e que somos já 40 milhões em 1929! Porém o mais interessante é a progressão futura da população brasileira: em 1930, 42 milhões; em 1940, 56 milhões; em 1950, 76 milhões; em 1960, 120 milhões; e, em 1990, 200 milhões!

Si tens trinta annos, leitor (porque as leitoras não poderão ter mais de quinze...); si tens trinta annos, leitor, e estás no meio do caminho da vida, segundo o altissimo poeta, no anno prodigioso de 1960, contarás sessenta e dois annos de idade e verás o nosso Brasil feito um dos colossos do mundo com cento e vinte milhões de habitantes. Dize-me, leitor amigo, não sentes pulsar mais forte o teu coração brasileiro, não sentes os teus olhos molhados de lagrimas?...

DO AMOR NA SOLIDÃO

Quem ama profundamente pensa mais na criatura amada quando está só, no meio da quietude e do silencio, do que quando se encontra ao lado della.

Por que?

Porque justo quem ama não se pertence mais e sim ao objecto do seu amor.

Na solidão, o individuo não vê nem ouve áquella que ama, mas somente vê e ouve a si proprio. Somente a luz interior lhe illumina a alma e nella somente resôam os hymnos religiosos e guerreiros da sua paixão...

Será verdade?

D. JAYME.

A CIRURGIA MODERNA E O PROCESSO VORONOFF

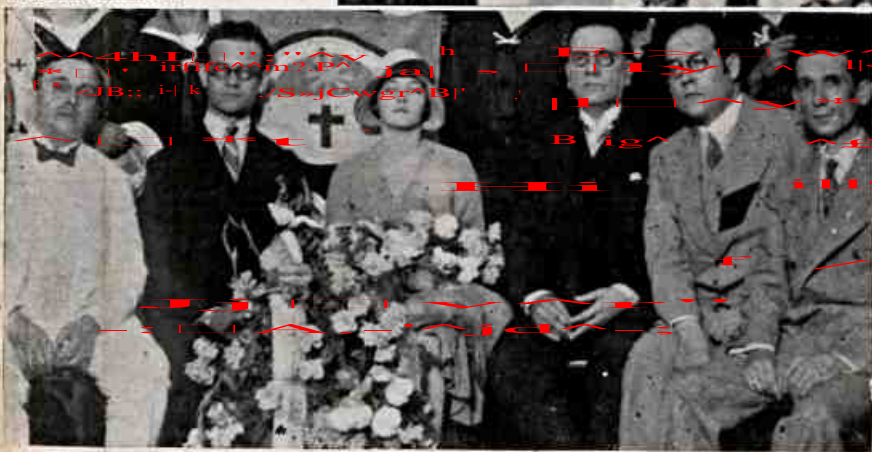
O dr. Belmiro Valverde é o illustre medico patricio que, pode-se dizer, introduziu na cirurgia brasileira o processo do sabio professor dr. Sergio Voronoff. Na Academia Nacional de Medicina, de que é membro eminente, o dr. Belmiro Valverde realizou, na penultima quinta-feira, notavel conferencia sobre o alludido processo, que apreciou de accôrdo com os principios da doutrina do seu grande mestre, corroborados, valiosa e brilhantemente, pelos seus estudos e pela sua observação pessoal, o que tornou ainda mais interessante a exposição do scientista brasileiro.

Algumas representantes da belleza patricia no concurso de «Miss Brazil» visitaram o quartel central do Corpo de Bombeiros e foram alli expressivamente homenageadas pelos indemitos soldados do fogo, que fizeram varios exercicios impressionantes deante das nossas encantadoras «misses». Estas, depois de percorrer todas as dependencias do Corpo de Bombeiros, «posaram», em companhia do commandante, coronel Maximino Barreto, e officiaes daquella corporação.

A senhorita Olga Bergamini de Sá continúa recebendo expressivas homenagens pela sua victoria — pela victoria da sua graça carioca no concurso de «Miss Brasil». Homenagens que, de certo, têm commovido profundamente a embaixatriz do nosso paiz no torneio esthetico de Galveston, porque partidas espontaneamente dos que admiram a sua belleza e estão satisfeitos com a sua escolha. Tres dessas homenagens estão focalizadas nos flagrantes desta pagina: o chá-dançante de domingo passado no Gavea Golf and Country Club, a festa no Club de São Christovão e a festa dos estudantes de medicina, que se realizou com grande brilho, sabbado á noite, nos salões da Associação dos Empregados no Commercio.

SEIXOS

Certo pensador já disse, não lembro onde nem quando, que todos nós temos uma grande mulher em nossa vida. E acertou. Tu, por exemplo, minha encantadora amiga, que és a inspiração, o sonho, a ambição de meus dias, és, tambem, sem o saber talvez, a grande mulher de que nos fala o philosopho...

E porque te amo é que sou bom. E porque sou bom é que me perdôas.. Não é mesmo? Não vale negar.. Meu sorriso, num mixto de ironia e piedade de mim mesmo, aguarda a bençam espiritual desse teu sorriso de dôce acquiescencia...

MLLE. Connie Braz da Cunha, que é a formosa «Miss Pernambuco», foi homenageada, quarta-feira penultima, pelos seus conterraneos aqui residentes, que lhe dedicaram uma linda festa, na séde do Centro Pernambucano.

«Miss Rio Grande do Sul» em visita á Casa de Detenção. Mlle. Bila Ortiz teve, ali, palavras de consolo para alguns sentenciados gaúchos, cuja desgraça lhe tocou o generoso coração de mulher.

Bazar de Bonecas

Feira de Vaidade e de Elegancia

BALCÃO FLORIDO

Dentro de mim vibra, neste momento, a exaltação do teu orgulho e do teu culto aos teus grandes filhos, oh *Mater Dolorosa* e cheia de gloria, minha Terra, Terra de Iracema, Terra de Alencar!

E, peregrino da Saudade, da tua saudade, embalada dentro de meu coração pela cadencia do rythmo continuado e inquieto de teus "verdes mares bravios", eu marcho tambem para ti — oh minha Terra — Terra feita de dôr e de gloria! — para, aos pés do altar em que cultúas a memoria do maior de teus filhos, do que romantizou e traduziu ao vivo a tua angustia, o teu soffrimento, a tua nobreza e a tua bondade, depositar a oblata da minha reverencia e queimar, em tua honra, a myrrha e o incenso da minha veneração e do meu amor.

Ha um seculo, no dia de hoje — a 1.º de maio de 1829 — sob o teu céo sempre azul, ao calor crestante de teu sol magnifico, ás margens da pittoresca lagôa de Messejana, numa casinha modesta, cercada de mangueiraes em flor, abria os olhos á luz o parto humano da tua gloria espiritual, aquelle que seria o romancista maximo da Patria, o fecundo, o excelso pioneiro da brasilidade — José de Alencar!

... Iracema! Terra de Iracema!... E o cicio eterno do vento, nos teus carnaúbaes farfalhantes, minha Terra, ha de, hoje e sempre, cantar o teu nome, o nome daquella que é o symbolo sagrado de ti propria — a linda e meiga tabajara.

Ha uma palpitação, um rythmo forte, de exaltação e de fé, de amor e de orgulho, no dia de hoje, no coração da gente e das selvas brasileiras — no immenso e mysterioso coração que trabalha e agita e fecunda a alma, ainda em formação, da nossa Patria — essa alma genuina e caracteristicamente brasileira que José de Alencar, mais do que qualquer outro, adivinhou, cantou e glorificou!

Iracema, *O Guarany*, *O Sertanejo*, *As Minas de Prata*, *Senhora*, *O tronco do Ipê*, e tantas outras obras, quem não as conhece, quem, ha meio seculo, e ainda hoje, e amanhã e sempre, não as lerá, orgulhoso do escriptor, da terra e da gente que a sua visão de artista e o seu espirito de patriotismo fixaram em paginas em que a paizagem, os scenarios brasileiros, são a moldura rica, faustosa, prodiga e magnifica da alma mesma da Patria?

Tenho os olhos e o coração voltados para ti, neste momento, Terra Natal, doce e abençoado *natio borgho selvaggio*, meu Ceará distante... A renda de espuma de tuas praias, a orlar, a enfeitar garridamente o recôrte suave de tuas alvas dunas movediças, por onde, victorioso, corre o triumphal farfalhar dos coqueiros erectos, altivos e arraigados a ti, ao teu solo, como os teus filhos, parece agitar-se tambem, agora, na praia marejada de lagrimas da nostalgia verde de meus olhos, que te vêem de longe, esfumada no fundo sombrio da minha Saudade...

"Verdes mares bravios de minha terra natal, onde canta a jandaya nas frondes da carnaúba; verdes mares, que brilhaes como liquida esmeralda aos raios do sol nascente, perlongando as alvas praias ensombradas de coqueiros, serenae, verdes mares, e alisae docemente a vaga impetuosa para que o barco aventureiro manso deslise á flor de tuas aguas"...

E que o barco da minha, da tua saudade, minha Terra, attinja o teu grande e generoso seio amigo para que eu, no dia de hoje, possa render-te tambem o modesto preito da minha homenagem e da minha reverencia:

Gloria a ti, terra cearense, gloria a José de Alencar, ao maior de teus filhos!

MLLE. Zita Coelho Netto, que é portadora de tantos titulos honrosos, e que tanto realce lhe dão á personalidade, possue um dos mais brilhantes: o de declamadora. Uma declamadora que encanta pela sua arte e os seus recursos de espirito. Agora mesmo, Zita Coelho Netto vae realizar um recital de poesias em Juiz de Fóra, a convite do Gymnasio daquella cidade mineira

(Annunciato Photo)

COMO uma gaivota, amiga das praias de Icarahy, «Miss Fluminense» (Marietta Relvas) parece dizer-nos com o seu sorriso brejeiro: «Sou linda até debaixo d'agua...»

ESTRELLAS CADENTES

Il a retrouvé ses yeux d'enfant pour regarder toutes choses...

Ah, se me fôra permittido, ainda uma vez, uma só vez ao menos, encontrar os meus olhos de creança para, através delles, ver ainda todas as coisas! Vel-as, e amal-as, com os meus olhos de creança, cheios de deslumbramento, tomados de pasmo, untados de pureza! Rever, tornar a ver as *Mil e uma Noites* de encantamento e de fascinação, que palpitaram e illuminaram, um dia, os meus olhos de creança, os meus olhos que tudo viam sem comprehender, e que desejavam todas as coisas porque todas as coisas lhe pareciam bellas e cubiçaveis...

Mas, como encontral-os, onde buscar os meus olhos de creança, perdidos na noite angustiante do tempo, e do soffrimento, na sombra escura das desillusões, ou na tortura luminosa da verdade, da revelação, núa e crúa, de todas as coisas, mesmo das coisas que eram lindas e encantadoras para elles?...

Meus olhos de creança, que nunca mais voltarão a fulgir, a illuminar o mundo interior da minha fantasia e do meu sonho... povoado de fadas lindissimas, de anões minusculos, de duas pollegadas, de gigantes que faziam tremer a terra, de chapéozinhos vermelhos e de gatas borralheiras...

ROSAS DE SANTA THEREZINHA...

Meu sempre querido amigo — No momento em que pego da penna para lhe escrever esta carta, o céo do meu sertão mineiro, sempre tão azul, tão sereno e tão limpido, tolda-se, escurece, faz-se sombrio, bruscamente, como uma alma de subito dominada pela desillusão e pela tristeza.

Il pleut sur le ville
Comme il pleure sur mon cœur...

Para uma *santa*, como eu — a sua Santa Therezinha do Menino Jesus — a citação, embora a proposito, desses versos de Verlaine, é possivel que se lhe afigure um tanto chocante.

Maria do Céo já lê e cita Verlaine! Que horror! Ella, uma santa, uma creatura que eu julgava tão pura, tão angelicamente do "outro mundo"! — dirá você, talvez, tomado de espanto, meu amigo. Não. Conheço-o bastante e sei quanto é superior o seu espirito. Uma mulher mais ou menos culta poderá ler Verlaine, poderá ler Zola, poderá ler qualquer escriptor realista sem macular o seu espirito, sem deixar em sua alma o estygma de uma *souillure*. A arte é sempre pura, mesmo quando penetra o lodo, a lama da vida. Não fôra assim e os pantanos não abririam, para a gloria da luz, as flores lindissimas e immaculadas que nelles desabrocham. Pois não é?

Agora, escute. Por sua causa, para lhe ser agradavel, para me collocar um pouco á altura do seu espirito é que, ultimamente, me venho entregando com mais amor a essa ordem de leituras profanas, que a avózinha tanto condemna. Ella, que não sahe da sua *Imitação de Christo* e do seu velho *Breviario!*

Se tambem não está de accordo, diga-me. Seu conselho, no caso, ser-me-ia muito agradavel e, mais ainda lhe agradeceria, se quizesse ser o meu mentor, o orientador da minha preparação intellectual, da direcção e formação do meu espirito — cheio de curiosidade e de inquietação. O amor em nós, as mulheres, nem sempre, como se diz, tem uma influencia essencialmente physica. Actua tambem, e profundamente, assim no campo affectivo como no espiritual, conforme seja o homem que nol-o inspira.

Mas, noto, vou fugindo ao assumpto, ao objectivo principal desta carta, que era dizer-lhe, fazer-lhe sentir, meu amigo, que, quando começava a lhe escrever, tinha tambem minha alma e meu coração sombrios e tristes como este céo escuro, pejado de chuva.

Por que?...

Porque sua carta, sua ultima carta, ironica, dura, cheia de maldade, não respondeu ao inquieto anseio de meu coração... deste pobre coração que lhe dei a entender que era... seu. E você, em resposta, limitou-se a fazer ironia á custa do meu pobre amor, tão sincero, tão leal e tão puro — como quem duvida de que uma "santa" como eu seja capaz de amar, de amar intensa e profundamente!

Por que duvida de mim? De mim, que creio

em você como quem crê num dogma?

Faz-se tarde. Adeus e, de outra vez, seja mais condescendente para esta fraqueza da sua — *Maria do Céo.*

NO REINO ENCANTADO DAS "MISSES"...

Mlle. Zulma Freysleben — a encantadora representante da Belleza catharinense, que, durante varios dias, recebeu, nesta capital, as mais justas homenagens — teve a gentileza de honrar a redacção de FON-FON com a sua delicada visita de despedida.

"Miss Santa Catharina" volta, agora, á sua terra, cujo nome e tradições de belleza e fidalguia de suas mulheres tanto soube honrar não só nas provas do grande torneio nacional, de que ella foi um dos mais lindos elementos, como nas festas e recepções promovidas em seu louvor nos circulos da alta sociedade carioca.

Mlle. Zulma Freysleben, graciosa e encantadora, com os seus gestos fidalgos e captivantes, leva comsigo o coração dos numerosos admiradores que conquistou na terra carioca. E deixa saudades, um mundo de saudades...

"Miss Santa Catharina" viajou para Florianopolis, terça-feira ultima, em avião da Kondor.

— "Miss Sergipe" é uma linda figurinha de *biscuit* que a terra de Hermes Fontes enviou ao Rio como representante da belleza e da graça de suas mulheres.

Galante e gentil, a encantadora patricia — que é uma alma sempre aberta para o Bem e para a Bondade — tomou a si a iniciativa de promover um festival de arte e de caridade, no Instituto Nacional de Musica, em beneficio do Orphanato "D. Bosco", em Aracajú.

O lindo festival patrocinado pela senhorita Nelly Menezes, e que deveria realizar-se domingo ultimo, por motivo de força maior teve de ser transferido para quarta-feira passada.

A colonia sergipana, representada pelos seus elementos mais em destaque nesta capital, entre os quaes se achavam o dr. Pedro de Oliveira Ribeiro, Hermes Fontes, Gildo Amado e varios outros, muito se esforçou para emprestar o maior brilho ao festival do Instituto Nacional de Musica, sob o nobre e generoso patrocinio do bonissimo e bem formado coração de "Miss Sergipe".

Essa festa de arte, de elegancia e de espirito, teve, realmente, como era de esperar, um exito magnifico, fazendo repercussão nos altos circulos sociaes desta cidade.

Figuras representativas do nosso meio artistico e intellectual nella tomaram parte, formando um conjuncto admiravel de valor e de merecimento a secundar, com o seu valioso auxilio, os elevados objectivos de "Miss Sergipe" — a graça e o encanto do festival.

ANJOS DA CARIDADE

Revestiu-se de grande brilhantismo e magnifico exito o "chá" offerecido aos pobres pelas dignas e piedosas associadas da "Obra de Luiza de Marillac", que funcciona no Collegio da Providencia, no aristocratico bairro das Laranjeiras.

A esse interessante festival de caridade compareceram numerosas damas e gentis senhoritas da alta sociedade carioca, além do Revmo. padre Affonso Germe, director das Associações de Caridade do Rio de Janeiro, e as dignas superioras da Congregação das Irmãs de Caridade.

Esteve presente, tambem, "Miss Ceará", que foi distinguida com o titulo de membro honorario da "Obra", e a quem uma velhinha octogenaria offertou lindo ramo de violetas, gesto tocante que muito commoveu a encantadora patricia.

A silhueta de «Miss Santa Catharina» nos leva a encontrar similitudes felizes entre o seu typo fino, de linhas aristocraticas, e as figuras de sonho, estylizadas, das princezas de Maeterlinck... Porque mlle. Zulma Freyesleben parece uma princeza. (Photo Nicolas)

TREPAÇÕES

NA reunião offerecida pelo Fluminense F. C. em homenagem ás *misses*, foi vivamente commentada a presença de uma figura que ha muito havia fugido dos salões, onde já teve a pretenção de pontificar como *elegante*.

Empertigado como sempre, engommado, todo elle uma especie de cimento armado, exhibia o seu perfil anguloso, duro, acreditando-se, sem duvida, um perigoso *tombeur de femmes*...

Empastado pelo cósmetico e tinturas oleosas, empregados no disfarce dos annos, não sabemos o que era mais lastimavel, si a sua pobreza de espirito, si a estultice de pensar em se fazer conquistar.

Por isso, era de vêr como o riso brotára dos labios femininos, quando o nosso triste herõe passeiava a sua elegancia *faisandé*, provocando uma interrogação no espirito de toda a assistencia:

— Elle teria sahido da tóca para embasbacar as *misses*?!

NÃO temos o costume de maliciar as coisas. Entretanto, ás vezes, certas attitudes despertam a nossa attenção.

Gostariamos, por exemplo, de saber porque professor e discipula adoptaram como habito tomar o bonde sempre á mesma hora, pelo cahir da tarde, quando regressam á casa.

Coincidencia, dirão, pois ha muita gente que tem o habito de ir e voltar do centro da cidade, ás mesmas horas, diariamente, regulando a sua vida pelo horario dos bondes.

Acontece que, quando adoptamos o bonde das seis da tarde (fuso antigo), quasi sempre encontramos caras familiares, isto é, creaturas que têm por systema apanhar o mesmo vehiculo áquella horas, de volta do emprego.

Mas, não é precisamente o que acontece com o professor e a discipula, pois, ambos têm o cuidado de escolher o mesmo bonde para uma palestra amavel que dura todo o tempo do trajecto, palestra tão agradavel, que não raro leva o mestre a proseguir a viagem além da rua onde móra.

Só quando a discipula desce é que o professor se apercebe de ter a sua casa ficado atraz...

Então, salta no poste mais proximo e toma outro bonde, de volta, em busca do lar venturoso..

NOTAS INFANTIS

Fernando e Maria Helena, filhinhos do dr. Antonio Braulio de Vilhena Júnior, juiz municipal de Varginha, e de sua exma. esposa, d. Maria de Jesus Alckmim Vilhena.

• • •

MADAME tomou-se de horror pelas criadas bonitas.

Na sua casa, uma das exigencias para ingressar ao serviço era o bello physico.

Madame citava o quanto era agradavel, pelo despertar, ser servida por uma creatura bonita, que lhe viesse trazer á cama o café com leite.

O marido concordava que o paladar era outro.... pois, quando a cara não agradava, nem o café descia pela garganta...

Mas, lá veio um dia em que *madame* não gostou da attitude do casto esposo, todo mesuras deante de uma criadita portugueza que, na verdade, era *um numero*.

Os zelos do patrão subiram ao ponto de poupar o serviço da rapariga, e a patrôa redobrou a vigilancia domestica.

Depois, o cavalheiro commetteu a inconveniencia de propor, espontaneamente, o augmento do ordenado, tendo a senhora concordado, para vêr até onde ia parar aquelle enthusiasmo...

E, quando o patrão menos esperava, foi pilhado, aos beijos, com a criada, dizem que no banheiro...

A portuguezita foi posta no andar da rua, houve um escandalo de todos os diabos, e o divorcio esteve por um fio...

Depois de uma lucta muito séria, o casal entrou, por fim, num accordo.

Mas, por precaução, *madame* desistiu do habito de ter em casa criadas bonitas.

Agora é cada *camafeu* que até estraga o prazer do café com leite, pela manhã, na cama...

O seguro morreu de velho.

FILIGRANAS

— "Je les plains ces isolés qui cherchent, qui se cherchent eux mêmes!" exclamou Barbusse, com alma, nas paginas de Clarté.

Com effeito, nada mais doloroso do que a busca de si proprio na solidão. Emquanto o egoista material goza a vida, saboreia os vinhos, os alimentos e as mulheres sem cuidados obsedantes pelas casualidades e finalidades moraes, o egoista mental pena continuamente dentro da duvida constante e da constante indagação hamletiana. E no meio das maiores reuniões e no seio das libações orgiacas mesmo, sente-se sózinho...

— "Je les plains, ces isolés qui cherchent, qui se cherchent eux mêmes!"

Quarta-feira penultima, realizou-se a festa da formatura dos novos engenheiros civis, industriaes, mecanico-electricistas e geographos e dos chimicos industriaes da Escola Polytechnica do Rio de Janeiro, pertencentes á turma de 1928. A's 10 e meia horas daquelle dia, foi celebrada missa em acção de graças, na egreja da Candelaria, e ás 14 horas, no salão nobre da Escola Polytechnica, teve logar a cerimonia da collação de grão, que foi honrada com a presença das altas autoridades.

LANTERNAS DE PAPEL

O DINHEIRO

Um poeta seiscentista de França, Pont Alais, que foi o Principe dos Bôbos, na celebre companhia dos Enfants sans souci, escreveu um poema philosophico sobre o dinheiro, no qual ha observações em verdade admiraveis. Diz elle que quem tem dinheiro faz a guerra e é fidalgo, tem titulos e honrarias, é preferido pelas mulheres e amado pelo coração do proprio mundo, tem intelligencia e saber, recebe favores de toda a gente, toma aquillo que lhe agrada, não erra nunca e é padre e doutor, mesmo não sendo...

O arabe synthetizára melhor tudo isso no seu famoso proverbio argelino: "Si um cachorro tivesse dinheiro, toda a gente o chamaria senhor cachorro..."

A INVEJA

Mellin de Saint Gelais, bibliothecario do palacio de Fontainebleau, poeta amavel, espirituoso e libertino, detestava Ronsard e invejava-lhe a fama e o prestigio. Certo dia, em presença da côrte, lia versos. Alguem pedio-lhe que lêsse um dos maravilhosos sonetos de Ronsard. Mellin tomou do livro, sorrio superiormente e começou a recitar os versos do grande poeta de modo a assassinal-os.

Indignada por aquella pequenez, a rainha Margarida de Navarra levantou-se de sua poltrona brazonada, tomou-lhe o livro das mãos e leu o soneto como devia ser lido...

OS BEIJOS

Meus labios procuraram os seus labios e longamente se uniram como no final das fitas de cinema. Um beijo espiritual e vasto como um mundo, que nos deixou como que entontecidos no meio do chilrear de passaros daquella tarde luminosa e casta. E ainda trocamos outros beijos mas nenhum delles foi daquelles que Louise Labé cantou, desvairada:

Baise m'encore, rebaise-moi et [baise;
Donne-m'en un de tes plus savou- [reux;
Donne-m'en un de tes plus amou- [reux.
Je te rendrai quatre plus chauds [que braise.

Não, os nossos fôram subtis e leves e suaves como si os labios somente se tocassem para a deliciosa communhão das almas. Somente as nossas almas se beijaram...

A HERVA DO ESQUECIMENTO

A poetisa inglêsa Felicia Hemans escreveu que os mares passam onde outr'ora houve cidades, que os rebanhos pastam onde foi o tumulo dos reis, que a herva cresce sobre os destroços dos templos em ruina, e que assim, na alma, onde existio o amor medra a confiança, onde vicejava a amizade cresce o orgulho e onde havia a ternura se dormem as sombras tristes do esquecimento.

Essa é a tragica historia de todos os corações. Em qual delles os sinos que repicaram festivas matinas e alvoradas não badalaram, depois, o dobre de finados? Em qual delles as trombetas enthusiasticas que deram o signal de avançar e clangoraram a victoria não tocaram a retirada e não acceleraram a derrota? Em qual delles a hera do esquecimento não cobre um busto de homem ou de mulher?

A GLORIA

Toda a gloria que Montaigne desejava, segundo elle proprio o confessa, era a de viver tranquillo, não conforme o que ensinam Metrodoro, Archesiláu ou Aristippo, mas de accordo com o que elle pessoalmente desejava. E aconselhava que, desde que a philosophia não tinha achado uma norma geral de felicidade, cada um a procurasse para si, individualmente.

Essa felicidade poderá ser achada em toda a parte menos na gloria. Aquelles cuja ambição para ella os impelle não são felizes. Na escadaria do templo da consagração, o poeta já mostrou o infortunio assentado á espera daquelles que sobem.

Para evital-o é necessario seguir a lição latina: contentar-se com pouco. Parvis contentus. Para isso que se afugente a gloria. Ella é pesada de carregar e inutil. Como todas as outras coisas, posição, riqueza, talento, poder, força, deixamol-a á beira do tumulo. Ninguem jamais a levou para o outro lado da vida.

Abandonemos, pois, a gloria em troca da tranquillidade e da felicidade.

NO MEU TEMPO...

Toda a gente tem uma natural propensão para criticar que se passa no presente, comparando-o com o passado, que é apresentado como muito mais bello e puro. Esse véso é antiquissimo. Verificamol-o nos mais antigos actores a cada passo.

A voz do individuo que se espanta dos erros ou crimes que presencia é esta: no meu tempo... Ora, todos os tempos são iguaes, porque os homens de hontem como os de hoje e como os de amanhã são todos iguaes tambem. O mais é simples illusão provinda da distancia em que já se acha, no tempo, a época a que se allude. E a coisa mais recuada no passado é a Idade de Ouro. Ninguem se atreveu a pôl-o no futuro...

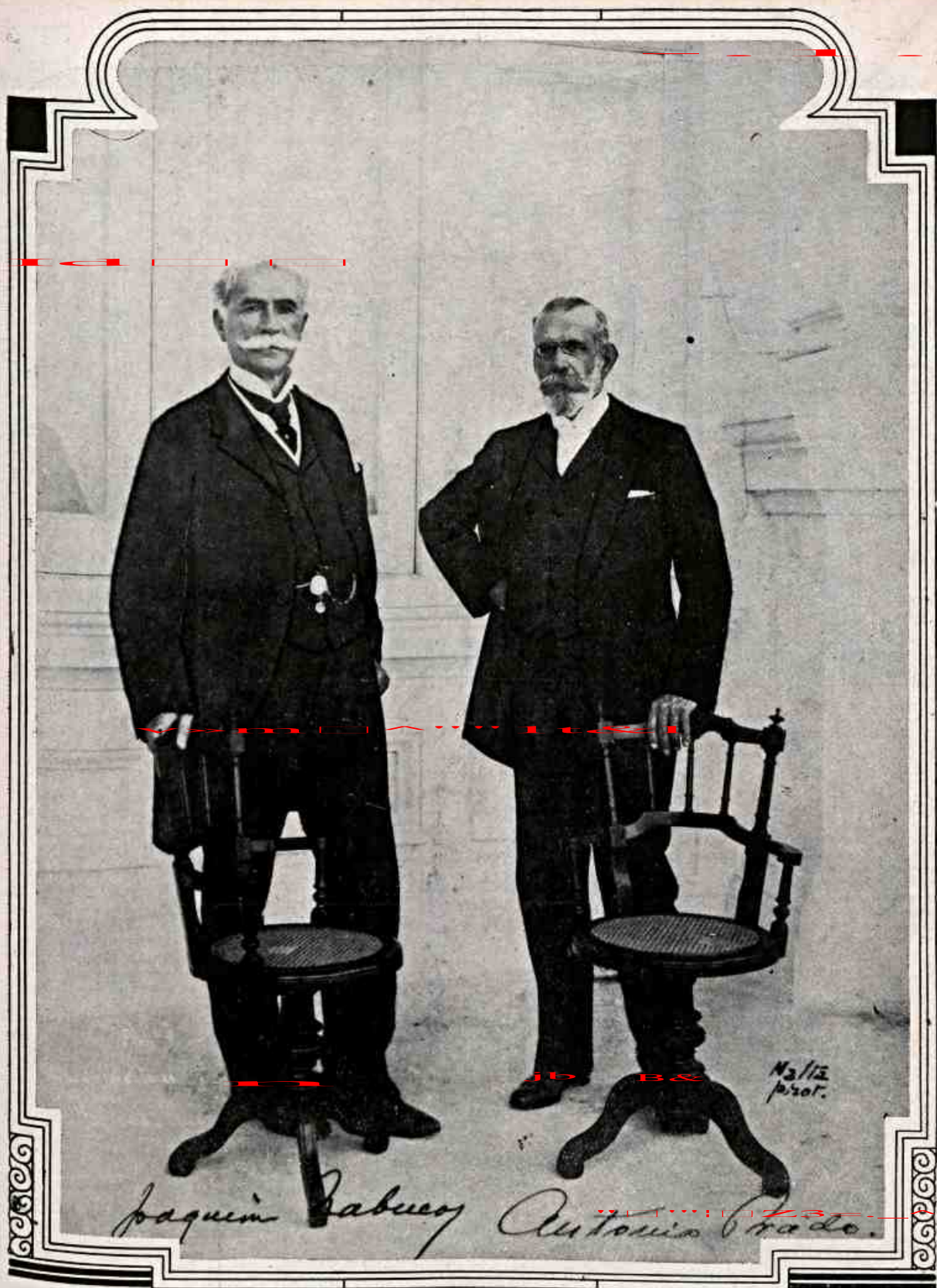
Já Seneca dizia que os vicios de hontem eram os erros de hoje...

CLAUDIO FRANÇA.

EM SÃO PAULO

NUM parque da cidade paulista de Bebedouro, algumas flores — flores humanas, que, além do perfume das cuas irmãs dos jardins, têm a graça e o sorriso que as outras não possuem — esplendem num «bouquet» de alegria joven e de rutilante formosura...

* * *

Senhorita Maria Julita Montalvão, gracioso elemento da sociedade de Aracajú.

NESTE momento, o Brasil inteiro chóra a perda da vida preciosa, a vida do brasileiro insigne, que foi o conselheiro Antonio Prado, o illibado varão que a monarchia nos deu e passou pela Republica n'um halo resplandecente de admiração e recpeito. O nome glorioso de Antonio Prado é desses que enchem de prestigio e valor duas phases da vida nacional. Em ambas o illustre e preclaro brasileiro poude sempre comprovar as suas altas qualidades de patriota exaltado, de cidadão que soube significar a sua patria, legando, assim, ao presente e ao futuro, os seus exemplos de immarcessiveis virtudes e de belleza moral. O documento photographico que figura nesta pagina tem, no momento, uma feliz opportunidade. Representa o conselheiro Antonio Prado, ao lado de Joaquim Nabuco, por occasião da visita que fez, em 1906, o notavel diplomata, quando este era presidente da Conferencia Pan-Americana. Foi ella tomada no Palacio Monroe e está enriquecida com o autographo dos dois eminentes brasileiros. O nosso collaborador photographico, sr. Augusto Malta, foi quem nos forneceu essa photographia. Obtida por elle, naquella data, a assignatura de Nabuco, enviou-a ao conselheiro Antonio Prado, para o mesmo fim, sendo gentilmente attendido pelo presidente do Partido Democratico, agora fallecido.

Os funeraes do conselheiro Antonio Prado, em São Paulo, tiveram a significação de uma expressiva e tocante homenagem popular tributada á memória daquelle varão illustre, que foi um alto exemplo de nobreza, de trabalho e de virtude civica. A photographia acima reflecte um aspecto dessa homenagem, quando o cortejo funebre se movimentava á sahida da «Chacara do Carvalho», residencia da familia do extincto.

REVERBEROS

Uma sessão do «Odeon»...

Lá fóra, a fila interminavel de carros de todos os feitios, rebrilhantes e imponentes, dos quaes se despejou para o salão immenso aquelle formigamento extraordinario de figuras elegantes.

Esquisita sala de espera, essa que a sociedade paulistana elegeu um dos seus pontos de reunião. Sem ser bonita, attráe, porque é grandiosa. Cheia de luzes que caem aos borbotões das lampadas innumeras. Luzes que não se perdem porque as poupam os espelhos refulgentes, que a si mesmos se reflectem como querendo alargar o ambiente, que realmente se multiplica, se repete, como as coisas da maravilha.

E no centro daquelle formigamento elegante, como o seu eixo, um sol: um perfil petulante de mulher intelligente e caprichosa, que, por ser bella, quiz ir além, e alcançou a extravagancia: monoculo... bengala... gravata... piteira...

Haverá nada mais implicante?

E, entretanto, todos os olhares ella attrahia. Olhares curiosos, perscrutadores, analysando, admirando.

Por que? Por ser bella? Por ser caprichosa? Por ser extravagante?

Certamente por isso tudo. E mais por isto: pela majestosa desenvoltura de rainha com que apresentava a [illegible] tudo. Ella reinava ali, entre o que ha de mais fino e agradavel, e sentia isso, desejava, queria isso: reinar.

Lá de bem longe, alguém espiava, muito a medo, a rainha. Era toda olhos para os gestos soberanos com que erguia até a bocca a piteira de ouro. Admirava.

Tive o impeto de chegar-me áquella figurinha singela, que até de admirar tinha medo, até para olhar tinha modéstia, e dizer-lhe, bem no ouvido, que se perdia immerso na pelle rara do «manteaux», que ella era mais bella, mais rainha, mais mulher...

FILIGRANAS

Sonho muito. Sonho todas as noites. E a incoherencia dos meus sonhos fez com que procurasse estudal-os. Li Remy de Gourmont e me esforcei por comprehender as "associações passivas" de idéas a que se refere. Li Maury, *Le Sommeil et les rêves* e encontrei coisas desta ordem sobre as mesmas "associações passivas": a palavra jardim, fazendo sonhar com a Persia, denominada em certos poemas orientaes Jardim do Mundo, depois com o livro *L'anêmost* por este processo — Jardim — Chardin — Janin. Chardin é um viajante que escreveu *Le voyge en Perse* e Janin é o autor de *L'anêmost...*; a syllaba *lo* levando a sonhos com *Gilolo*, *Lohelia* e *López*...

Ora, bolas! Isso não explica sonho nenhum. Isso é um pesadelo...

O caixão mortuario do conselheiro Antonio Prado, ao ser trasladado da Estação do Norte, em São Paulo, para o carro funerario que o conduziu á «Chacara do Carvalho», de onde sahiu o enterro.

CONVERSA DE RUA

— Que miss...ão difficil.

— Mal?!

— Essa, de julgar as *misses*...

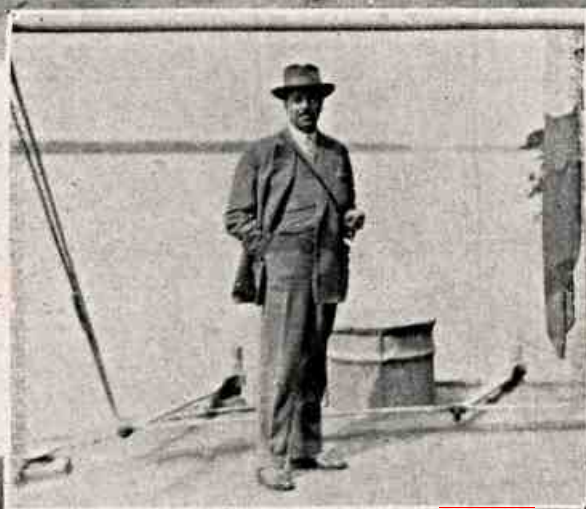
— Fizeram um mysterio...

— Foi tal a mis...cellania...

— Que por fim...

— Tinha de dar em mys...tificação.

SÃO Paulo, todos os annos, realiza a festa das aves, que é, tambem, a festa alegre das creanças das escolas publicas primarias. Este anno, ella teve o esplendor de sempre e talvez mais alegria, porque cem mil creanças, approximadamente, se alvoroçaram festivamente, no Parque D. Pedro II, para celebrar o dia das suas amiguinhas aladas.

Ao centro: O dr. Julio Prestes, presidente do Estado de São Paulo, a bordo do navio em que viajou s. ex., na sua recente excursão pelo rio Paraná. Em cima e em baixo: flagrantes tomados na cidade de Baurú, por occasião da visita de s. ex. ao Leprosario e ao quartel da policia, naquella cidade paulista.

O PRESIDENTE JULIO PRESTES EM EXCURSÃO PELO INTERIOR PAULISTA

O presidente Julio Prestes não é tão só um notavel e habil homem de governo. S. Excia. é, tambem, um criador de energias, um animador, tal o enthusiasmo que sabe despertar, sempre que se põe em contacto com o povo paulista, com os elementos que, mais de perto e mais directamente, repercutem o trabalho e a actividade constructora do grande Estado.

Pela elevação dos altos e edificantes principios liberaes que norteiam e inspiram a acção social, politica e administrativa de S. Excia., o eminente estadista soube impôr-se á estima e á mais larga consideração e confiança de seus conterraneos.

Seus gestos, suas attitudes, de uma elegancia e serenidade impeccaveis, denotam nelle o verdadeiro democrata, o cidadão compenetrado da representação de caracter popular que lhe foi outorgada.

A nossa reportagem photographica, traduz, reflecte, de modo concreto, a expressão de geral contentamento com que as populações das localidades paulistas por onde passou o presidente Julio Prestes, em uma das suas ultimas excursões, acolheram a visita do notavel homem publico.

* * *

Em cima: O presidente Julio Prestes, quando deixava a Escola Normal de Baurú, depois da visita que fez áquelle estabelecimento. Ao centro: S. ex. entregando a Bandeira a um alumno do grupo escolar da mesma cidade. Em baixo: Chegando á cidade de Agudos, onde foi recebido com as mesmas demonstrações de enthusiasmo popular.

O dr. Julio Prestes, na sua estadia em Baurú, recebeu, entre outras homenagens, a de um banquete, que lhe foi offerecido pela Municipalidade e pela população local.

REVERBEROS

São sempre mais grandiosas, em S. Paulo, as festas infantis. Não vêem o Natal como é bonito alli? E o Natal não é mais do que uma festa de crianças; é um mez inteiro de preoccupações, de arranjos, de gastos, para vêr as crianças sorrirem. Ellas sáem ás ruas na sua peregrinação alegre pelas vitrinas, onde ha só brinquedos e futilidades coloridas que façam bem aos pequeninos corações. E os grandes as ficam espreitando de soslaio, satisfeitos de surprehender a cobiça brilhando nos seus olhinhos chispeantes, contentes por poder trazer lá de dentro da loja o macaquito cobiçado.

E é sempre assim, mesmo depois do Natal. E' porque o paulista não é triste, não, como se diz. E' apenas, por vicio, carrancudo e cabisbaixo, mas a alegria está crepitando por detraz daquella mascara. Quando a mascara cáe, é que se vê a alegria em toda a sua plenitude: alegria sã, calma, discreta, juvenil. E a mascara cáe sempre que se approxima de um grupo de crianças com a alma á mostra, num jogo innocente ou numa qua-

O dr. Vergueiro de Lorena pronunciando o discurso official no banquete de Baurú, em honra do presidente Julio Prestes.

Um aspecto da grande mesa do banquete com que o chefe do governo paulista foi homenageado, em Baurú, por todas as classes sociaes da florescente cidade paulista.

si criminosa maroteira. Acaba de ser assim com a festa das aves. Sabem quantas crianças tomaram parte nella? Cem mil crianças. Ou mais do que isso, porque nas escolas publicas primarias de S. Paulo ha mais do cem mil meninos e meninas. Elles todos se derramaram pelos parques e jardins da capital, por que suas festas são sempre ao ar livre. E era de vêr a alegria que se apossou de todos. Não dos meninos: dos homens! Confundiram-se com os pequenos, e festejaram, como meninos, o dia dos passarinhos.

Depois... depois esse povo, que sabe brincar assim, talvez tivesse sahido á rua, para contemplar a successão de arranha-céos que construiu, as avenidas largas e extensas que rasgou em morros e collinas, os cem mil predios que estendeu sobre muitos kilometros de uma terra sáfara mas formosa. E isso, em algumas dezenas de annos, porque S. Paulo, ha alguns lustros, era uma cidadezinha simploria e provinciana, com alguns milhares apenas de casas de barro e longos beiraes, sobre os quaes se abrigava a coviteirice mundana dos arraiaes...

O dr. Julio Prestes á mesa do banquete de Baurú, ladeado por altas figuras da politica paulista.

FILIGRANAS

A distancia não diminue o amor. Como a esquivança, até certo ponto, sem abuso, o alvorota e espicaça. Desde que o mundo é mundo, sem que a gente saiba por que, as coisas são assim. São assim porque são mesmo. E basta.

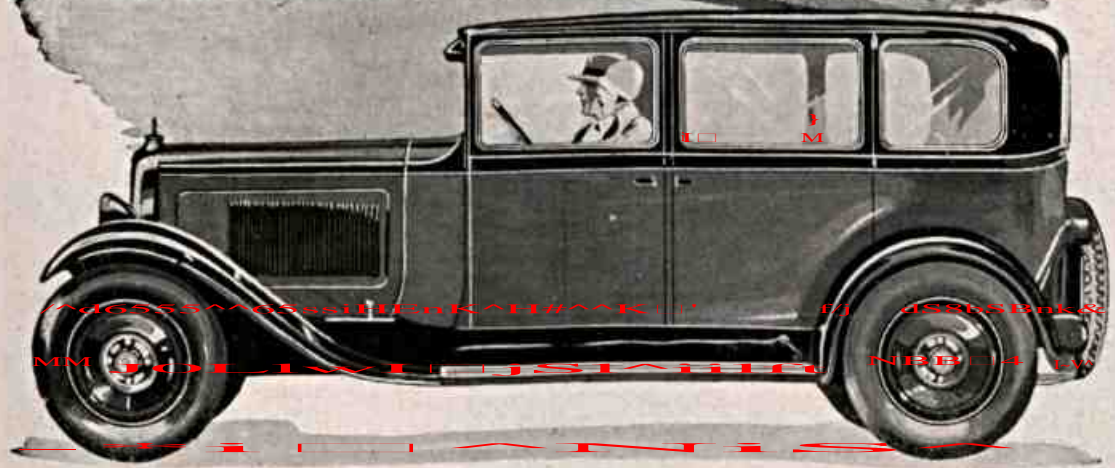
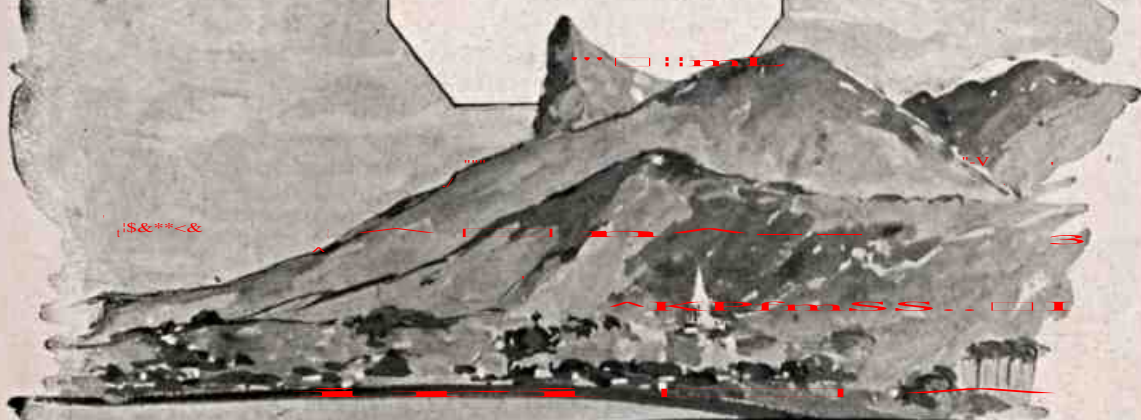
. . .

Dahi aquella trova do delicioso *Mireio* de Mistrol:

O Magali! se tu te fas
Lou peis de l'oundo,
Iou, iou pescaire me farai,
Te pescarai!

O Magali, si tu te fazes peixe do mar, eu me farei pescador para te pescar!...

. . .

OUTROS aspectos da visita do presidente de São Paulo a Baurú. O desembarque de S. ex. naquella cidade. Visitando o grupo escolar local. A multidão que aguardava a chegada do dr. Julio Prestes, enchendo toda a rua fronteira á estação.

Sonhos do Haschich

Dormindo sonhei que a vida era belleza;
despertei e vi que a vida era um dever...

KANT.

DE que magnas illusões, de que sonhos infindos trouxe eu a fronte aureolada, no caminho da juventude que já o crepusculo do passado a pouco e pouco ensombra!...

Minh'alma, sedenta de vida, fulgia, a sorrir nas minhas faces frescas, nos meus olhos luminosos de curiosidade, nos meus labios tão facilmente entreabertos sobre a clara neve dos dentes...

Que linda menina eu fui!

Infatigavel tecelã da propria fantasia, eu vim pela vida, surda ás lições da experiencia, cega á visão da realidade...

Para mim, o sonho era tudo.

Enlevado no extase mystico da esparsa Belleza dos entes e do mundo, meu coração veiu pela existencia a fóra como o intrepido libertador das mysteriosas lendas arabes, que nem resposta dava á perfida voz das gentes feitas pedra.

Meu coração se consumia a si proprio num holocausto total em sua ansia de amar.

Um dia houve, emfim, em que, realizada a suprema illusão por que tanto suspirei, estremeceu todo o meu ser, feliz pela vez primeira.

E eu entrevi, deslumbrada, a magnificencia da vida...

Mas, ai! A força, tantas vezes desprezada, abriu-me com dedos de aço as palpebras entorpecidas pelo sonho...

Eu acordei. E meus olhos estavam nublados de pranto, as minhas faces empallidecidas pela magôa, e meus labios, que a dôr e a paixão vêm crestando a pouco e pouco, occultavam, convulsos, os dentes que cerrava a angustia.

Eu acordei, e vi, por entre lagrimas, meu Dever que se erguia immovel ante mim...

PETITE - SOURCE

IMITEMOS OS BONS EXEMPLOS

As molestias dos rins são traiçoeiras. A principio nos incommodam ligeiramente. Alguns symptomas leves: dores nas costas, pequena inchação das mãos, rosto, dos pés e sob os olhos. Cuidado! Taes symptomas podem causar a perda completa da saude e talvez a morte!

Use as PILULAS DE FOSTER *para debellar os primeiros symptomas e não será molestado por consequencias mais graves.*

AGIR COM DECISÃO

Si tem algum symptoma de fraqueza renal, deve agir com decisão, hoje mesmo. Não permitta que ella se transforme em molestia grave, como hydropisia, calculos, uremia, mal de Bright, cistite, etc.

Compre hoje mesmo o seu primeiro frasco de

PILULAS DE FOSTER

Snr. Carlos Gomes Pereira Snra. Walkiria Tavares e José Gomes de Padua. Todos tres usaram as Pilulas de Foster logo que sentiram os primeiros symptomas de fraqueza renal. Curaram-se radicalmente e conjuraram a possibilidade de grave molestia dos rins.

Concurso Sabonete EUCALOL

(*Menção Honrosa*)

Assim como a flôr carece
Dos bellos raios do sól,
Não prescinde a nossa cutis
Do "Sabonete EUCALOL".

EDITH M. DA SILVA.

Fabrica de Macarrão — Nova Friburgo — E. do Rio.

NÃO SE ESQUEÇA

de incluir hoje na sua nota de compras o remedio necessario para ricos e pobres, que deve existir em todas as casas.

Nada superior para doenças de pelle: eczemas, frieiras, empingens ou golpes, escoriações, ulceras antigas, etc. Não suja a roupa nem se conhece a applicação.

Si preza a saude, e quer poupar dinheiro, compre hoje mesmo um vidro de DERMOL e leia o livro que o acompanha, citando remedios para varias doenças difficeis de curar. — A' venda em todas as pharmacias e drogarias importantes. Exija DERMOL do pharmaceutico Henrique E. N. Santos, e não aceitar as imitações baratas. — Pedidos a Henrique E. N. Santos. — Caixa Postal 638 — Rio de Janeiro — Phone 4737.

SOMBRAS CHINEZAS

Photo film da Cidade

MELINDRE, como toda filha de Eva, sempre teve a cabeça cheia de caraminholas. E não ha alguem mais facilmente suggestionavel do que ella. E' das mariposas que dançam — a coitada — conforme a musica que lhe toquem e a côr do abat-jour em torno de que ella vae dançando a sua dança luminosa, complicada, e, ás vezes, tão encrencada tambem.

Esbelta, magrinha, fina, delgada como um caniço — um caniço de continuo agitado, açoitado pelo sôpro ora mais ardente e impetuoso, ora mais frio e commedido de todos os Esaús e Jacobs deste mundo de meu Deus — ella, Melindrosa, deu, agora, para andar impressionada e jururú porque quer e não póde... engordar da noite para o dia!

Vejam só, a grande bobagem!...

*

E por que isso, agora, hão de me perguntar homens e mulheres de todos os sexos existentes, actualmente, neste valle de lagrimas. Eu, penso, nunca digo uma coisa sem uma razão, um fundamento superior. E se falo, accidental, e um tanto metaphoricamente, nessa embrulhada de sexos, é que hoje, ha de tudo neste mundo: mulheres que são verdadeiros homens; homens que são... Cala-te, bocca! Cala-te e benze-te!...

*

DESCULPEM esse curto circuito no assumpto e voltemos ao nosso "caso" de Melindra — á obsessão que lhe domina, agora, todos os sentidos e tudo que ha de concreto e palpavel no seu pequeno sêr bizarro, enigmatico, complexo, paradoxal.

*

MELINDROSA quer engordar, deitar banhas, augmentar seu apparentemente quasi intangivel patrimonio corporeo de mais de arroba de kilogrammos porque o descarado de um Almofadinha qualquer lhe metteu na... cabeça (vá lá, por hypothese) que os homens, dentro destes tres annos, só se casarão com mulheres sob... medida! E, assim sendo, quem não fôsse anthropometrica, quem não preenchesse as exigencias da... medida, da plastica feminina classicamente legada pela Venus de Milo, estaria condemnada a nunca encontrar marido, a "tittiar" toute sa vie, se não quizesse servir de ficha de consolação para os homens desprovidos de senso esthetico ou para os pervertidos do bom gosto!

*

VEJAM lá se uma coisa dessa se ou não é de se pôr em duvida a integridade mental de Melindrosa! Porque, penso eu, a mulher vale pela sua "linha", mais fina ou mais grossa, mais delgada ou mais... roliça — uma questão de gosto, de paladar, de tacto — e não pela "massa". Essa tem os seus conformes e varia no tempo, no espaço, e na terra pouco firme do coração e da alma da gente.

Uma linha curva, mesmo pouco, levemente accentuada, diz tudo, define a mulher — o ente mais cheio de curvas que já veiu a este mundo... E, por isso mesmo, é que os homens, na corrida sempre desatinada do amôr, por mais que se digam conhecedores do terreno e da pista, vivem a derrapar de vez em vez.

*

EIS ahi para que serviu a tal parada da belleza, o disputado torneio que vae mandar mulheres sob... medida para a feira internacional de Galveston. Está a fazer o desespero e a intranquillidade da minha pobre Melindrosa, porque ainda lhe faltam alguns millimetros ou centimetros de "coisas", aqui e alli, para que o seu corpinho fragil e mignon, esbelto e caniçalmente (com licença) buliçoso, inquieto, attinja as classicas e, para ella, quasi herculeas medidas de Venus!

*

ESTÁ, por isso, a tomar um sem numero de fortificantes, de injecções; alterou, completamente, o regimen alimenticio, e de passarinho, que era, no comer, passou a não sei que. Super-alimenta-se e vive indigesta para si e para os que lhe toleram as manias. Um horror, emfim!

E mede-se, á noite, ao deitar, minuciosa e detalhadamente, e pela manhã, ao acordar, a confrontar, impaciente, a caderneta das medidas.

Se sáe, durante o dia, onde avista uma balança, pesa-se e toma nota. Já conhece quasi todas as balanças das pharmacias e tem horror, odio mesmo, ás que lhe diminuem o peso.

Não vale o dizer-lhe, para consolal-a, que ella é apenas fausse maigre e que tem um corpinho da... pontinha. Não se conforma e não descansará emquanto não entrar na "medida".

E quer que eu, Esaú, lhe tome as medidas daqui a um mez!

— Agora, não, Esaúzinho, porque tenho vergonha. Quando estiver na medida, eu fórme, sim. Ouviste? — diz-me.

..Eu sorrio, baboso, porém bonacheirona e candidamente — creiam. E espero...

Che peccato! E de quanta paciencia, heroismo e bôa vontade precisa munir-se um pacato cidadão para aguentar a vida e... as coisas da China de Melindrosa!...

ESAÚ E JACOB

O CALCEON EVITA QUE OS DENTES DAS CREANÇAS FIQUEM CARIADOS

Hoje as creanças de dois e tres annos já têm os dentes estragados e o unico meio de evitar estes males é dar á creança desde os tres primeiros mezes o CALCEON que calcifica os dentes em formação, fortifica a creança evitando todos os males no periodo da dentição e fazendo com que a creança tenha mais tarde dentes fortes e lindos.

O CALCEON como o CESSATIL (o melhor remedio contra a dôr e contra a grippe), e o SYNOROL (a melhor pasta para dentes) são productos do Instituto Freuder, cujo consultor scientifico é o DR. FREDERICO EYER, da Faculdade de Odontologia do Rio de Janeiro. Experimentem.

LEIAM

Selecta

Todas as Quartas-feiras

A melhor revista Cinematographica

DESPENSA ALEXANDRE

MOVEL HYGIENICO PARA GUARDAR GENEROS ALIMENTICIOS. UTILISSIMO PORQUE EVITA DESPERDICIOS. SUBSTITUTO EFFICAZ DO GUARDA-COMIDAS.

Typo popular 220$000

MOVEIS E TAPEÇARIAS

Martins Junior & Cia.

RUA DOS ANDRADAS, 51

TELEPHONE NORTE 6787

CASA RIVER

Finissimo chapéo para verão palha manilha em todas as côres

30$000

Grandes abatimentos em todos os artigos

55$000

CASA RIVER

Sapatos Charleston o rigor da moda— nossa creação

Reclame do mez. Sapatos em todas as côres fôrmas modernas

45$000

Vejam! Chapéos Principe de Galles artigo fino e todos os modelos de 30$ a 45$000

Admirem!! Chapéos Rhandal rigor da moda

Meias Nacionaes e Allemãs — Elegantissimas Bengalas só na

CASA RIVER

É INUTIL REFLECTIR MUITO

Um elegante Chapéo de Palha com fita preta ou fantasia preço de verdadeiro reclame, sem competidores

RUA ASSEMBLÉA, 46 Tel. Central 5477

EDUARDO BARBOSA & C.

Varinha de Condão

Trajes de passeio — Nos dias frios e lindos do inverno, sob o sol doirado e morno e o céu de um azul muito puro, como se de crystal transparente fôra feito, sahir é um verdadeiro prazer.

A carioca já não tem o andar languido das horas afogueadas do verão, e seus passinhos, mais rapidos e mais airosos, cruzam as calçadas da Avenida, no chic dos "manteaux" e das pelles ricas.

Para os seus passeios, damos hoje ás nossas leitoras tres modelos que bem resumem a directriz actual da moda, quanto aos agazalhos.

A figura 1 é um costume singelo de Kascha ou Charmelaine, genero sport, proprio para sahidas matinaes ou para as moças que trabalham. Pode ser feito de fazenda beige, com barra no alto da aba revirada que ornamenta a blusa, botões, caseados e viezes dos bolsos côr de ferrugem. O cinto de couro, será nessa mesma côr, assim como o chapéo de feltro, e poderão ser beige os meios sapatos de laço. Uma blusa de voile de seda muito singela, cujo peito mal apparece na jaqueta trançada, e uma longa écharpe do mesmo tecido, completam essa gentil toilette.

A figura 2 é uma gracioso costume de seda para

A figura 3 mostra um bello manteaux para comdizem os francezes. Pode ser executado com crepe setim prato. A blusa é côr de ouro velho e o casaco é forrado desse mesmo tom, apparecendo esse forro na golla, graciosamente levantada. A saia tem um "godet" sobre o lado, que forma ponta irregular, o que dá um aspecto mais "habillé" á simplicidade do corte, e a blusa é quasi que inteiramente bordada até certa altura com dois tons de ouro, mesclados a fios de seda preta. Chapéuzinho de palha e seda côr de ouro, sapatos pretos.

O modelo C mostra um bello manteaux para completar qualquer traje de visita. Pode ser executado com seda brilhante, ornado por fitas opacas em barras na saia em forma, muito alargada para baixo, ao passo que é bem justa no talhe. Completa-o a golla alta feita com a mesma fita posta em pedaços uns sobre os outros, formando "ruche".

Living-Room — Com a noção maravilhosa que têm os americanos do conforto e a facilidade com que criam novos ideaes e a elles se adaptam bem depressa, comprehenderam que já passou o tempo das salas de visitas, solennes e empertigadas, sobrecarregadas de "bibelots", onde as crianças não entravam e que só se abriam uma vez ou outra, deixando escapar o triste bafio do mofo e do abandono.

Essa peça inutil, feira de vaidade mesquinha, que nunca era dispensada pelos ridiculos preconceitos da burguezia antiga, foi se tornando cada vez mais acanhada pelas exigencias da carestia de terrenos e construcções, que reduziram progressivamente as casas a proporções microscopicas. Urgia, pois, supprimil-a.

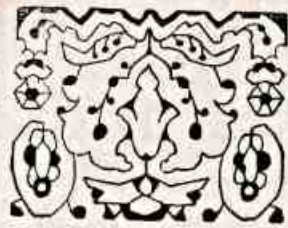
Foi o que entenderam os americanos. A menos palacetes de luxo, que comportam salões de recepção, nas casas construidas para a classe média, coisa que se não vê, é sala de visitas. Substituiu-a a "Living-room", a sala de se viver, de se estar. O encanto do termo inglez é intraduzivel.

A "Living-room" é geralmente a maior peça da casa, a mais confortavel, aquella que os americanos mobiliam e adornam com maior carinho. Pois si é a sala onde vivem, onde passam o dia mamães e crianças, aquellas lendo ou costurando, estas brincando ou estudando! Nella tambem recebem, sem affectação de um luxo que a fortuna modesta lhes não per-

Figs. 1, 2 e 3

mitte, os amigos que os procuram, e somente transformam o aspecto da sala e a adornam para festas.

Si ha povo no qual existe muito desenvolvida a sciencia de cada um viver satisfeito conforme pode, esse povo é o norte americano. Despido de preconceitos absurdos, despresa as falsas apparencias, e, entre elle, a dona de casa que ha pouco cozinhava, vem para a sala, se desculpando, porém sem vexames.

DE
CINDERELLA

Elles espalham na "Living-room" a graça e o conforto em proporções eguaes, e as commodas poltronas e macios tapetes alternam com as jardineiras de plantas vivaces, e as mesinhas com graciosos "abat-jours". Como é natural, por causa do frio, o aquecedor occupa logar preponderante nessas salas.

Por que, omittindo este ultimo detalhe desnecessario entre nós, não imitarmos os americanos na divisão interna de nossas casas, ao invés de fazermos questão da salinha de entrada ou "hall", precedendo a antipathica sala de visitas, ambas de proporções acanhadas?...

Façamos dessas duas peças uma só, ampla, confortavel... e poderemos baptisal-a de "sala da familia", por antithese á velha sala de visitas...

Poderemos mobilial-a em qualquer estylo, desde que seja um só escolhido de antemão, em logar de irmos comprando ao acaso um movel e outro que nos agrade e seja de preço conveniente, o que tiraria o caracter da sala.

Assim, nesses modelos de "Living-room" americanos que damos, o modelo da fig 4, que é em velho estylo francez e o modelo da fig. 5, que é em puro estylo moderno, porém são ambos interessantes e confortaveis.

Receitas de cocktails — Embora na Europa esteja muitissimo espalhada a mania do "cocktail", parece que, felizmente, para nós esta ainda não chegou. O brasileiro fino é, no geral, sobrio, quanto a bebidas; eis uma qualidade nacional que não devemos perder.

Entretanto, entre o conhecedor e o viciado, existe um abysmo. Que nossas donas de casa não aprendam a substituir o gracioso habito da chicara de chá pelo modernismo do "cocktail"; porém, se souberem que á sua pequena reunião comparecerá um americano, um inglez, ou mesmo algum brasileiro viajado e apreciador de bons vinhos e de engenhosas receitas de "cocktail", não nos parece censuravel que ellas procurem agradar a esse amigo, preparando-lhe uma surpresa.

Para iniciar nossas amiguinhas, ainda leigas no assumpto, vamos dar a conhecer os objectos indispensaveis á manipulação do "cocktail".

Eis, em primeiro logar, o "shaker" (fig. D), apparelho composto de dois copos, o qual se cerra virando estes um sobre o outro. Nelle se faz a mistura dos ingredientes. Além do "shaker", são precisos ainda o porta-canudos, o balde com gelo, o espremedor de la-

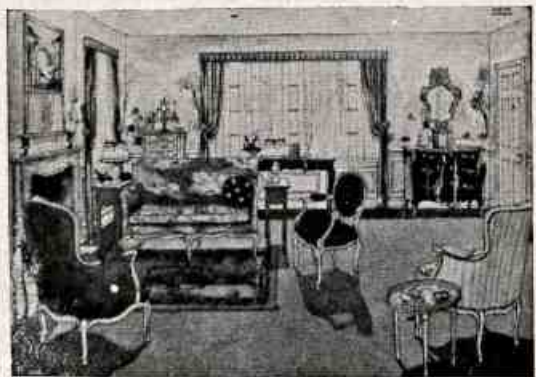



Fig. 4

ranja, o coador, as garrafas de licores, os calices de "cocktail", acompanhados de pequenas colheres, as taças de fructas com os garfinhos proprios para espetar as cerejas ou azeitonas. (Cherry-stick.)

Na linguagem do "cocktail", um copo quer dizer a quantidade de um copo de vinho da Madeira, a ex-

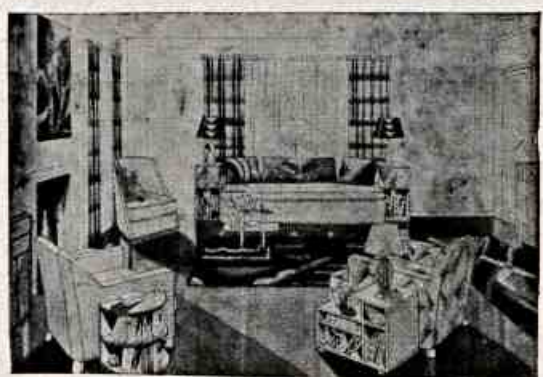



Fig. 5

pressão "traço" corresponde a uma meia colher de café. A dóse de cada "cocktail" é indicada para uma pessoa.

Egg-Nogg — Pôr no "shaker" tres colheres de gelo picado, uma de assucar, um copo de whisky, um ovo e um copo de leite. Agitar, coar e servir.

Bombay-cocktail — Pôr no "shaker" duas colheres de gelo picado, uma fita de pellicula de laranja, um copo de cognac, um calice de licor de curaçao, um traço de angostura. Agitar e servir.

A arte de remendar — O remendar é uma arte. Si

bem que das mais modestas, ella tem o direito a esse titulo, que a põe na fileira das obras grandes e bellas. Seu merito e sua utilidade são incontestaveis, e a carestia da vida, na nossa epoca, a colloca em primeira linha na pagina da actualidade.

Si, no que diz respeito a factos moraes ou sentimentaes, o remendar ás vezes nada vale, o mesmo não acontece em relação aos objectos materiaes; para estes o concerto melhora sempre os estragos que lhes causaram o tempo e os serviços. A questão é sabermos fazer o reparo com habilidade e paciencia.

Tudo quanto se relaciona ao conforto dos que nos são caros, tudo quanto possa contribuir para a prosperidade do lar, é, em grande parte, trabalho nosso. A economia, filha da ordem, deve reinar na vida domestica. Uma dona de casa, economica e ordenada, é sempre rica, nada lhe falta, porque ella não esperdiça coisa alguma. Triplica a duração das roupas de cama e de mesa, cuidando-a e costurando-a. Quando a roupa branca torna da lavandeira, ella a examina peça por peça, e nas suas gavetas não se encontra um lenço que seja, rasgado.

Um fino cerzido, refaz a trama do tecido. E' um trabalho meritorio, tanto mais perfeito quanto mais occulto. Todos se extasiam deante de um bello bordado, mas quem se preoccupa em admirar os pontos de um concerto, perdidos no linho ou na seda?

Entretanto, os talentos modestos são necessarios para as donas de casa. Saber prolongar a duração de tudo quanto temos, tornou-se imprescindivel pelos tempos que vão. Saber renovar nossos "manteaux" e nossos vestidos, repol-os na moda, graças a um pequeno retoque feito com o nosso bom gosto, é uma arte sempre moderna.

Nossos filhinhos, com suas roupinhas tão gentis e tão curtas, terão alguns vestidinhos ou costumes nos nossos trajes, passados os caprichos da moda. Imaginemos combinações felizes, afim de apagar a impressão do "já visto". Nossos dedos são de fada, principalmente quando os inspira o amor materno. As mais lindas roupinhas de criança foram feitas sem duvida pelas proprias mamães.

As meias, parte importante de nossa "toilette", reclamam um cuidado constante. Si foge uma só malha, com facilidade se tornam imprestaveis, pelo menos para a rua. Devemos examinal-as constantemente, com a agulha de cerzir ou a de "tricot" na mão.

Por toda parte onde se torna preciso o seu auxilio, nossa agulha deslisa, rapida e leve.... Sem se fatigar, ella passa e repassa, brilhando no tecido opaco ou escuro. E nossos pensamentos mais caros, nossos mais vivos desejos, acompanham os pontos regulares, como si se tratasse, na verdade, de tecer a nossa felicidade.

Nos Cinemas da Avenida

Cotações: OPTIMO — MUITO BOM — BOM — SOFFRIVEL — MÁO — E . . . DETESTAVEL

THEREZA RAQUIN

DA FIRST

Cinema CENTRAL — Assumpto velho, velhissimo, que, naturalmente, já não interessa a ninguem. Já vamos muito longe d'estes enredos que fizeram o successo das escolas realistas, de que Zola foi o grande genio. Sob muitos pontos de vista, está longe do nosso tempo. Este film da First não é precisamente da First. E' do consorcio europeu da First, que n'elle não nos apresenta grandes novidades, visto que o film é monotono, não causa a sensação que se tem em vista e lucta contra o gosto moderno nos processos de realizar. Para interpretar as figuras tão bem observadas por Zola é preciso possuir muita intuição dramatica, para, por esse modo, substituir o dialogo que n'estes dramas psychologicos faz sensivel falta. Não se póde, comtudo, considerar este film, sob nenhum ponto de vista, um trabalho mau. E'-se justo dando-lhe a

Cotação — SOFFRIVEL

AJUDANTE DO TZAR

DA UFA

Cinema RIALTO — Ivan Mosjoukine é um admiravel typo de galã, que fica dentro d'uma farda decorativa com o *aplomb* dum verdadeiro militar. Ha, porém, dentro d'essa varonilidade, chamemos-lhe assim, um certo quê feminino, uma impressão estranha, que vem talvez dos seus grandes olhos claros em que não parece viver a chama da energia. E no emtanto elle tem creado um admiravel grupo de creaturas energicas. Este *Ajudante do Tzar* é uma d'ellas. O enredo de calca-se nos tempos anteriores á grande guerra, quando sob os degraus do throno tzarista se ia avolumando o vulcão que levava ao bolshevismo. E' por isso, retratando o ambiente, occasião de apresentar a luxuosissima côrte de São Petersburgo. Não se podendo dizer que essa reconstituição seja uma maravilha, pode-se, comtudo affirmar que ha riqueza, gosto e propriedade. O enredo, no seu desenvolvimento, cria contrastes de meios, com figuras que estão ditas e repetidas em quantos films do genero têm vindo á tela. Aquellas caras sinistras, patibulares, de elementos revolucionarios, já todo o mundo as conhece. Para sermos, como sempre, sinceros, devemos affirmar, quanto á interpretação, que o trabalho de Carmen Boni foi tão bom, senão melhor em algumas situações, que o de Mosjukine. E' uma

NOS CINEMAS DA AVENIDA — (Continuação)

grande artista em cujo olhar se lê nitidamente o que lhe vae na alma, sabendo interpretar, com realidade flagrante, a paixão, a ansiedade, a duvida, e ser, ao mesmo tempo, uma deliciosa boneca, cheia de alegria e de vida. Finalmente, estamos em frente d'um bom film, que marca, principalmente pela direcção e technica e pela intèrpretação.

Cotação — BOM

VIDA PRIVADA DE HELENA DE TROYA

DA FIRST

Cinema ODEON — O que temos a considerar, principalmente, n'esta pellicula, é a grandeza e o cuidado de realismo da época que se procura reconstituir. Sob este ponto de vista, o cinema vale pela mais clara, mais efficiente, mais bella lição de historia. E este film da First é, quanto a esta materia, simplesmente admiravel. Quando uma empresa se abalança a um commettimento d'esta ordem, deve merecer todos os louvores dos que não fazem do cinema uma arte de futeis e de ignorantes. O trabalho technico e o trabalho de reconstituição historica merecem ser vistos por cultos e ignorantes porque é uma formosissima lição de arte e de historia. Vamos, porém, ao film em si. E' uma *charge*. Com bastante espirito — um espirito fino, admiravel de opportunidade — a pellicula colloca a vida moderna dentro da civilização grega. Ha uma certa inverosimilhança provocada pelo contraste. Mas, em compensação, a nota humoristica resalta de modo a constituir-se uma bella obra caricatural. As legendas são magna parte n'este contraste. São como que um complemento da acção. Sem ellas, o effeito não resultaria. Algumas têm graça. Mas é força confessar que ficam muito aquem do que poderiam ser, pois que a situação é excellente para provocar hilaridade. Um bom humorista a serviço d'esses letreiros valorizaria immenso o film. A interpretação é digna de todos os louvores. Maria Corda, Lewis Stone, Ricardo Cortez, George Fawcett são quatro nomes que, n'esta pellicula, estão á altura da sua reputação. A belleza de Maria Corda auxilia em muito o valor dessa interpretação. Da parte directiva e technica não ha que dizer senão bem. Dá prazer notar que o cinema serve d'este modo, tão brilhantemente, ao ensinamento e ao apuramento do gosto das grandes massas de publico.

Cotação — BOM

ESPIRITO ALHEIO

O dono da casa. — Sabe si a senhora vae sahir hoje?
A criada. — Sim, senhor
O dono. — Sabe si poderei ir com ella?

O companheiro do ladrão (ao dono da casa, que surge na porta do escriptorio). — Não póde entrar. Hoje não se recebe ninguem. Por que não deixa seu cartão?...

PESQUISA

Ella. — Divertiste-te muito hontem á noite, no banquete, querido?
Elle. — Ora! Não me fales! O que fiz foi aborrecer-me bastante
Ella. — Assim?... E quem eram esses convivas chamados Maria e Beatriz, que escreveram seus nomes no peito de tua camisa?...

Transeunte. — Céos! O senhor não é o homem a quem dei cinco mil réis esta manhã?

Assaltante. — Sim, sou eu mesmo. E já comprei um revólver com seu dinheiro.

Estilo de Paris

Com durabilidade triplicada!

O EXCLUSIVO reforço "Ex" faz as finas Meias Holeproof durarem *tres vezes mais*. E satisfazem por tres motivos, economia, estylo e fidalga apparencia.

As Meias de Seda Holeproof são offerecidas em maravilhosos estylos de novas côres, creação de Lucile, de Paris.

Nas Boas Casas de Varejo.

Meias **Holeproof**

As melhores do mundo

É UM MEDICAMENTO DE VALOR

Dr. Fernando Abbott.

Attesto que o preparado "ELIXIR DE NOGUEIRA", do Pharmaceutico Chimico João da Silva Silveira, é um medicamento de valor, de resultados efficazes em manifestações terciarias da syphilis.

S. Gabriel, 19 de Outubro de 1916.

Dr. Fernando Abbott.

INSTITUTO HYGIENICO

— DE —

Mme. ELLA

unica representante dos afamados productos da Academie Scientifique de Beauté de Paris, e da Marca registrada *Glicia* que são incomparaveis, para emmagrecer, o creme adstringente Lysial Nº. 15, faz o effeito espantoso, tratamento da cutis, massagens, Electrolise, galvanisação raio violete, raio solar, raio azul, para acné e espinhas. Banho de Luz para emmagrecer o ventre. Manicure de primeira ordem, embellezamento das sobrancelhas.

* * *

Becco Manoel de Carvalho n.º 16-1.º

Esquina da Rua 13 de Maio

Telephone 3091 Central

O Resgate de Doggy

(Continuação)

O bandido correu atraz de Doggy e baixou o braç com a pistola. Arrojei-me immediatamente sobre elle e gritei a Muriel:

— Corra... fuja! eu o segurarei...

Consegui que atirasse longe a arma em conse quencia de um forte murro que lhe dei sobre o braç no momento preciso em que senti abrir-se a port por detraz de nós. Muriel ficou como pregada ao solo...

Vislumbrei uma face sinistra com uma cicatriz de olho até o labio e qualquer cousa escura dançando no ar...

Não sei quanto tempo permaneci sem sentidos. Ao recobral-os, encontrei-me fortemente ligado de pés e mãos, encostado á parede, e sentado no chão. Muriel, de mãos e pés igualmente atados, encontra va-se sentada numa tosca cadeira a minha frente.

Sobre uma cama estava, recostado num dos cote vellos, o bandido, fumando, e notei que seus dedos tremiam ao segurar o cigarro. Eu permanecia de olhos semi-cerrados, espreitando por entre as palpe bras entreabertas o aspecto daquelle homem, que era muito pouco tranquillizador...

Através do tabique que separava os compartimen tos, escutei vozes e aguçei o ouvido.

— Roubar um cachorro!... — dizia alguem num entonação de enfado; — bello motivo para obri gar-nos a ficar aqui! Como se rirá a policia quando nos puzer a mão em cima por causa dessa maldit cão!... e todo mundo se rirá com ella...

— Como podia adivinhal-o? — respondeu outra voz. — Pete ficara aqui para curar-se da ferida no hombro que recebeu no assalto do Banco... Para distrahir-se, roubou já duas vezes o mesmo cachorro afim de apanhar o dinheiro do rsegate...

— Que se arranje como puder! O peior do caso é que aquelle rapaz que está ahi dentro chegou a vêr me a cara... e todo o paiz está cheio de retratos meus com o premio que offerece a policia á pesso que me encontrar. Maldição! Não podemos deixal-o escapar com vida... nem elle, nem ella...; mas eu não quero metter as mãos em tal cousa... Pete é que irá se encarregar delles..., tornando-os mudos para toda a vida. De qualquer modo... queria estar agora a quinhentas milhas daqui..."

Ouvi passos em seguida e uma mão bateu myste riosamente no tabique. O homem se levantou da cama e deixou o quarto.

• • •

Por mais empenho que puzesse, não me foi pos sivel entender o que falavam aquelles bandidos. Em curto espaço de tempo, voltou a entrar no aposento o bandido, e travez do tabique pude ouvir os prepa rativos de partida.

Eu continuava com os olhos fechados, ou antes semi-cerrados. Se o nosso guarda não percebesse que eu havia recobrado os sentidos, poderia apresentar se alguma occasião propicia para fugir.

Alguns minutos se passaram, minutos que me pareceram horas. Muriel tinha os olhos fixos em algum ponto do espaço...; eu observava-a dissimuladamente. De repente, começou a falar com o bandido, e fiquei surprehendido do tom amistoso com que o fazia.

— Gosta muito de cães, não é assim? — perguntou com indifferença quasi.

O homem olhou-a sem mudar de expressão e continuou a fumar.

Muriel não se deu por achada e proseguiu na conversa com uma voz tão alta que só deveria ser para chamar-me a attenção.

— Paguei-lhe muito pouco da primeira vez que me devolveu o cão... não acha? Parece-me que se na occasião tivesse sido mais generosa, não m'o teria roubado de novo...

— Ah! — exclamou o homem. — Quer dizer com isto que me reconheceu?

— Desde o primeiro momento — assentiu Muriel com toda a calma; — podemos dizer que somos velhos amigos... e por que não havemos de ser francos?...

Comecei a comprehender o jogo de Muriel; falava com muito mais força do que o requeriam as circumstancias, e tornei a ouvir alguma cousa que já ha um momento me perecera perceber: um ligeiro e levissimo som de passos.

Muriel continuava prendendo a attenção do bandido, falando com verbosidade; de repente, porém, elle a interrompeu brutalmente:

— Basta de conversas!... Se acredita enganar-me, está muito equivocada. Ou imagina que não vejo ter escondido parte das jóias nos sapatos? Se não, onde está o lindo alfinete que trazia quando entrou aqui? Veremos agora mesmo...

A expressão do seu rosto repulsivo era atroz no momento de aproximar-se de Muriel com passo lento, e seguro do triumpho.

Apezar das fortes ligaduras que me immobilizavam, consegui, num esforço desesperado, pôr-me de pé e com toda a violencia atirei-me contra o bandido antes de chegar elle á cadeira em que se encontrava Muriel. Um murro arrojou-me novamente ao solo; levantando inconscientemente, vi que o homem se approximava outra vez de Muriel. Mas, nesse momento precisamente, produziu-se alguma cousa de inesperado: a porta abriu-se violentamente, dando entrada a numerosos agentes de policia, e entre elles pareceu-me divisar Doggy...

E não vi mais nada depois...

Quando afinal dei cobro de mim, tinha o rosto e a roupa empapados da agua que me lançaram para que recuperasse os sentidos. Vi deante de mim o *sheriff* Tom Kent que me observava ansioso, emquanto dois dos agentes se occupavam em pôr-me numa situação mais commoda.

— *Sheriff!* — exclamei com voz debil, acreditando sonhar. — Como... como é possivel que se encontre aqui? Quem lhe disse onde estavamos?

O *sheriff* riu com gosto.

O RESGATE DE DOGGY

(T. [illegible])

.
. . .
.

— Bom... rapaz, agora vou contar... E' uma cousa bem interessante. Em primeiro logar, telephonou-me o dono do hotel da estação de que um *chauffeur* procurara trocar uma nota daquellas que todo o mundo sabia terem sido roubadas no Banco. E, effectivamente, era uma das notas da numeração roubada. Ao tomar eu as declarações do *chauffeur*, contou-me elle que um homem lhe havia pago com aquella nota uma corrida de taxi em companhia de um casal de jovens muito bem vestidos. E foi nesse momento que me chegou a mais curiosa telephonema que tenho recebido em toda a minha vida...

— Seu cão, senhorita — disse, dirigindo-se a Muriel, — acabava de chegar á casa conduzindo no focinho um lenço carregado de joias e com uma carteira — a sua, meu amigo — e que continha um cartão seu e diversos papeis. Comprehenderam logo que alguma de anormal lhes tinha acontecido e telepharam-me. Quando o *chauffeur* ouviu tudo aquillo, suppoz logo que fossem vocês o casal de que se tratava; deu-nos em seguida a direcção do casebre onde os deixára, e assim nos foi possivel chegar até aqui.

Vinhamos já pela collina, quando vimos sahir da casa um grupo suspeito de homens, que trataram de escapar á nossa aproximação; mas alguns tiros fizeram-n'os voltar á razão... E temos agora bem segura toda a quadrilha do assalto ao Banco...

Esfregou as mãos com um ar de grande contentamento.

— Vocês tiveram uma sorte estupenda — proseguiu com excellente humor; — sabem que foi offerecido um premio de cinco mil dollares a quem auxiliasse a captura desses bandidos? Esta somma lhes pertence agora por lei; querem dividil-a?

A pergunta era mais dirigida a Muriel; ella sorriu e, em seguida, movendo negativamente a cabeça, disse com uma expressão de malicia:

— Creio, *sheriff*, que o premio não nos pertence nem a Howard nem a mim!...; em rigor pertence apenas a Doggy...

— Em todo o caso, — disse o *sheriff* com ar de troça, — póde ser que Doggy decida a quem deve pertencer o premio.

Produziu-se, então, a mais extravagante, a mais incrivel das scenas: Doggy, o arrogante, o irreconciliavel, o aggressivo Doggy, aproximou-se de mim e collocou a cabeça entre meus joelhos emquanto me olhava gravemente com seus olhos intelligentes. Movia alegremente a curta cauda, e eu teria jurado que em seu olhar havia assim como uma astucia dissimulada... Olhou em seguida o *sheriff* e os agentes e sahiu do aposento.

— Um... — fez o *sheriff* Tom Kent, — parece que este cãozinho tem mais senso que todos nós...

Dirigiu um olhar interrogativo a Muriel e a mim, que nos fixavamos enlevados, e fazendo depois um signal com a cabeça aos seus homens, abandonou com elles o quarto, deixando-nos sós por alguns momentos...

A Esphera Magica

De E. F. BENSON

(Continuação do numero anterior)

— Sim, sim, — dizia; — vejo tudo isto... ella se move, porém... está agora de pé; e vem agora directamente para nós, parecendo sahir da esphera magica... Ah! tudo se desvanece... Sim, é verdade; é o mesmo logar que visitámos essa tarde. Mas quem poderá ser esta mulher? Não a vimos hoje... Por que parecia primeiro estar deitada entre as raizes dos salgueiros? E para onde foi?

Levantou a cabeça e olhou o jardim como procurando vêr alguem pela porta aberta. E, apezar de seguir o seu olhar sem nada encontrar, eu estava certo da presença de alguem que, tendo deixado a esphera magica, encontrava-se alli como pairando no ar a observar-nos.

— Hugh, — disse eu com impeto, — que estás a olhar?

Com esforço voltou a cabeça para mim e respondeu:

— Não sei... mas aqui ha alguem... apezar de não poder distinguir claramente... Não proseguiremos esta noite com a experiencia, mas a reataremos amanhã. E' melhor que nada digas a Margarida de tudo isto.

* * *

Ao descer no dia seguinte, pela manhã, depois de passar uma noite muito pouco tranquilla, encontrei-me com Margarida que tinha almoçado muito cêdo e sahido para dar um passeio. Voltava naquelle momento num estado de alegre excitação.

— O desejo de saber alguma cousa de positivo a respeito daquella adoravel casita não me deixou descansar — disse-me — e fui muito habil e muito feliz em minhas indagações: seu dono é um certo senhor Woolaby, e ha dois annos desappareceu sua mulher sem que nunca mais se soubesse noticias della. Continuou vivendo alli sozinho até a primavera, occasião em que se decidiu a desmanchar a casa vendendo todos os moveis.

— Quem lhe disse estas cousas? — perguntei intrigado.

— Um vendedor de propriedades, cujo nome se lia no cartaz pregado á grade e que mora perto daqui. E agora... estou certa de que nunca lhe passará pela idéa pensar onde estive ha poucos minutos... Vamos vêr se póde adivinhar...

— E se eu adivinhasse? Quer você que eu diga o que fez agora mesmo?

— E então?...

— Pois bem, dirigiu-se á loja do belchior onde comprámos hontem a esphera magica e soube alli que procedia daquella casa.

— Deus dos céos! Parece que ambos estamos inspirados esta manhã! — exclamou Margarida alegremente. — Tem razão... o commerciante comprou-a no leilão de moveis e de todos os objectos da casa. E agora, para deixal-o almoçar tranquillamente, irei deleitar-me com o meu thesouro. Não é interessante que, tendo eu dito hontem que seria tão feliz se fôsse residir para lá com a minha esphera magica, encontre-me hoje com alguma cousa que pertenceu á agradavel propriedade?

Hugh desceu muito tarde naquella manhã, um pouco depois de Margarida se ter ido.

Instei para que tomasse alguma cousa e colloquei-lhe em frente o jornal do dia, mas depois de tel-o olhado em silencio, deixou-o para um lado.

— São cousas muito exquisitas que se estão passando, — falou afinal — alguma cousa ou alguem appareceu na esphera magica na noite anterior... pelo menos foi o que vi... e permaneceu na porta aberta da bibliotheca. Não posso precisar o que é, mas desde então isso está aqui, movendo-se em torno de nós como a pedir o quer que seja...

— Tenho esta mesma sensação, — respondi.

— Bem; então devemos dar-lhe outra opportunidade para manifestar-nos os seus desejos. Creio que aquella mulher que vimos sob a fila de salgueiros novos é que quer qualquer cousa de nós. Voltemos a olhar a esphera de crystal emquanto Margarida estiver occupada para outros lados. Tenho a convicção de que detraz de tudo isso occulta-se um mysterio horrivel, e não queria que ella o conhecesse.

Pudemo-nos arranjar facilmente porque Margarida resolveu sahir para fazer uns bordejos nos arredores, e tão depressa sahiu, dirigimo-nos á bibliotheca navamente. Alli, sobre uma mesa, perto da porta que dava para o jardim, estava a esphera magica como uma enorme saphyra scintillante, e uma vez mais nos dispuzemos a olhal-a.

Havia nella agora luzes que perturbavam, vindas do sol radiante que brilhava lá fóra. Apressámo-nos em correr as cortinas completamente, de modo que a unica luz que podia entrar era a da porta para o jardim, e que se encontrava aberta. Mas, apezar de ser a luz do dia a que penetrava na esphera, apenas começámos a fixar o crystal, desappareceu toda a côr azulada e só tivemos deante dos olhos uma profunda escuridão na qual, como na noite anterior, começaram a subir as borbulhas luminosas. — e novamente emergiu a casa que tinhamos visto e a horta com a sua fileira de salgueiros balançando-se ao vento... Mas agora não divisavamos figura alguma debaixo delles e recordando o modo que Hugh a vira sahir dalli como uma visão na noite anterior, disse-lhe o que estava vendo e elle moveu repetidas vezes a cabeça em signal de assentimento.

E immediatamente... com um gelado calefrio que nos correu por todo o corpo e um espantoso abatimento de espirito, comprehendemos mais uma vez que alguem estava a nosso lado... mas desta vez mais palpavel, mais perceptivel. E em meio da luz que vinha do jardim vimos a figura de uma mulher... Trazia uma especie de manto, desbotado, dilacerado, e destruido pela acção do tempo e da humidade, e com fibras de raizes adheridas a elle. O cabello, espesso e alourado cahia de um lado e outro do que deveria ter sido um rosto humano, mas que agora só mostrava todo o horrivel aspecto dos ossos descarnados.

Toda essa apavorante visão se nos apresentou nitida na brilhante luz do sol.

E logo o espectro caminhou para a porta aberta, como na intenção de entrar no aposento... não caminhava, mas parecia aproximar-se de nós trazido pela brisa... e a este movimento do phantasma, meus nervos explodiram, e vencendo a paralysia em que o espanto me deixára, dei um grito agudo e lancei-me no jardim...

Lá fóra nada mais havia do que a deslumbrante luz do sol, o calor de um dia de verão, e por sobre todo o jardim soprava placido o vento, sussurrando por entre as folhas dos arbustos.

* * *

O inspector de policia de Tillingham é muito meu amigo, e dez minutos mais tarde encontrámo-nos encerrados com elle na sala de audiencia.

— Ha algumas perguntas muito importantes que meu amigo e eu desejariamos fazer-lhe — informei-lhe. — Ouvi dizer que ha cousa de

dois annos desappareceu de casa uma certa senhora Woolaby, moradora aqui perto.

— E' verdade — respondeu-nos — e seu marido continuou vivendo alli até principios da primavera deste anno, quando resolveu vender todo o mobiliario e pôr a casa á venda tambem.

— E nunca mais se ouviu falar nada a respeito da senhora Woolaby? — perguntei.

— Nunca. Nunca mais se soube uma palavra acerca dessa senhora, nem se encontrou o minimo vestigio della. Uma cousa verdadeiramente mysteriosa. Tem algum dos senhores alguma cousa que dizer sobre o assumpto?

— Realizaram-se pesquisas na propria casa em que residia? — interrogou Hugh.

— Certamente, senhor. Depois de seu desapparecimento esvaziaram-se todos os poços proximos, na idéa de que pudesse ter cahido em algum delles; mas a busca foi infructifera, e em tal terreno, igualmente plano, não ha muito mais onde procurar.

Estivemos hontem naquella casa — prosegui — ha uma horta que pertence á mesma, e em um dos lados existe uma ordem de salgueiros que foram evidentemente plantados, quando muito, ha uns dois annos.

Tanto meu amigo como eu estamos convencidos de que se cavarem a terra debaixo delles n...

A ESPHERA MAGICA

(Conclusão)

* * *

extremo onde se unem com um pequeno telheiro tambem alli existente, chegaram a saber alguma cousa sobre a senhora Woolaby.

O inspector de policia olhou-nos, por um momento, muito espantado.

— Podem dizer-me as razões para assim supporem? — perguntou.

— Nenhuma que pudesse ter importancia para o senhor, — respondeu Hugh; — mas falamos com toda seriedade e inteira consciencia de nossas palavras.

O inspector levantou-se.

— Desejaria saber alguma cousa mais sobre isto, — disse. — Mas se os senhores não desejam communicar-me suas razões, agirei sem conhecel-as. Sou obrigado a aproveitar qualquer informaç... que me derem sobre o assump... Estou certo de que se não tives... sem alguma razão poderosa par... falar-me desta fórma, ter-se-ia... abstido de fazel-o. Vou, pois, d... minhas ordens, e farei saber o q... ha de novo.

* * *

ALGUMAS horas depois des... conversa com o inspector de policia de Tillingham, chamara... me, em casa, pelo telephone.

Era o mesmo inspector que de... sejava communicar-me que, n... sitio por nós indicado, fôra enco... trado o corpo de uma mulher. Mais tarde puderam provar-lhe a identidade: era a senhora desap... parecida, a senhora Woolaby.

Muitos dias depois deste su... cesso, Hugh e eu olhámos o inte... rior da esphera magica. Nunca mais, porém, tornou a apresentar-se a nossos olhos nem as borbu... lhas d'agua fervendo, nem o te... lhado da casa, nem a horta com os salgueiros, como nunca mais tambem nos appareceu visão al... guma.

O formoso globo permanece sus... penso na salinha de Margarida e, algumas vezes, sente-se ella ten... tada a ceder-m'o, mas, até agora o momento de tamanho altruism... ainda está para chegar...

**

Em Botafogo, Ipanema,
Na Tijuca, em Cambucy,
Todos consagram suprema
A sublime Lambary

FOSFATINA FALIÈRES

a farinha alimenticia incomparavel á qual milhões de creanças devem a força e a saude

Exigir a grande marca FOSFATINA FALIÈRES de reputação universal e desconfiar das contrefacções

Pharmacias
e Casas de Alimentação
PARIS

Pela sua inconfundivel perfeição, elegancia, durabilidade e bom gosto, FOI O UNICO que obteve a mais alta classificação na Exposição Internacional do Centenario da Independencia do Brasil em 1922: *Hors Concours.*

A venda em todas as bôas casas da Capital e dos Estados.

Fabrica — FERREIRA SOUTO & C.
Rua Fonseca Telles, 18 a 30 — RIO DE JANEIRO

O ALCOOL EXAGERA, MULTIPLICA E INTENSIFICA OS MALEFICIOS DA SYPHILIS.

São palavras de um dos mais notaveis syphiligraphos que se conhece — o sabio Dr. Fournier. Ninguem ousará por em duvida o que diz uma tal summidade medica. Portanto, os syphiliticos não deverão fazer uso do alcool, mesmo em pequena escala. Para combater tão poderoso mal deveis usar o melhor dos depurativos, o

L U E S O L
de Souza Soares
que não contém alcool!

VENDA NAS DROGARIAS E PHARMACIAS

Apor. D.G.S.P. sob o Nº 5o em 5-2-1887

O Talisman

De Pierre Mariel

• • •

NÃO havia mais de uma semana que Ahmed ben Eddin partira para a santa peregrinação de Mecca, e já sua esposa Kádija gosa do prazer de estar só, livre da tyrannia do marido.

Oh! Ahmed não era um despota. Vivia mediocremente com Kádija, de um campo, do leite de uma camella e da agua de seu poço, mas, homem de sentimentos piedosos, não permittia á mulher a menor liberdade, seguindo com isto, de uma maneira escrupulosa, os preceitos do santo propheta.

Toda a vida de Ahmed havia-se concentrado numa unica aspiração: partir com a peregrinação annual ás cidades Santas, confundir-se com a multidão dos crentes, contemplar a "kaaba", beber a agua sagrada do Zem-Zem, e terminar seus dias ao lado da esposa, em meio da veneração dos vizinhos, com o turbante verde na cabeça, distinctivo dos homens religiosos, para os quaes está assegurado o paraiso.

Durante trinta annos consecutivos estivera a amontoar piastra sobre piastra, economizando sempre nos mais insignificantes gastos domesticos para, depois de seis lustros de privações, poder partir, com o coração alegre, caminho da terra santa, que se encontra do lado onde o sol nasce.

A viagem durará quatro mezes e Kádija se desforra amplamente das privações que durante longos annos lhe impuzera o esposo. Conversa com as vizinhas, atulha-se de chá com hortelã, passeia com o rosto descoberto e vae ver os pelotiqueiros chleuhs.

Mas que gosto póde haver na desobediencia quando ella fica impune? Suas escapadelas carecem de atractivo, posto que não esteja agora junto della Ahmed para corrigil-a com mão prompta e ella só veja em tudo isso uma cousa que lhe proporcione o delicioso estremecimento do prohibido.

Irá visitar o ermitão de Nabluia, que vive solitario a duas horas da aldeia. Está certa de que quando Ahmed se inteirar da escapatoria não admittirá a prescripção do tempo e então se verá o que vae acontecer, como dizem os narradores de contos.

E é porque, agora, Moharen, o eremita, desfructa de uma reputação muito orthodo... digamos a verdade. D... se que elle recebe, co... maior frequencia, as ... sitas de Eblis, o sen... das trevas, do que as ... anjo Gabriel, e que su... orações nem sempre ... bem ao throno de De... como nuvens de incen... Talvez o calumniem: ... não deixa de ser verd... que o solitario passa ... tes inteiras enviando ... tos lamentosos á l... cheia, que ronda freque... temente os muros dos ... miterios e que se p... de escorpiões e de ou... animaes empregados ... praticas da magia ne... Não obstante, até ag... ninguem o surprehend... em flagrante delicto ... feitiçaria.

Todas as mulheres ... seis leguas ao derr... dirão que o seu pode... illimitado e que não ... quem o iguale em vir... de para resolver os ... sumptos mais compl... dos, sobretudo aque... em que anda em jog... honra dos maridos.

Não é este o mot... por que Kádija quer ... sital-o. Ella tem a co... sciencia tão pura co... enrugado o rosto. ... depois de ter feito ... presente a Moharen, ... dir-lhe-á uma graça. ... ha de ser? Não o ... ainda. Deixará tal co... á sagacidade do erm... A visita de sua vizi... Bent Said impediu-lh... partir tão depressa co... desejara e é quasi n... quando chega á cav... onde mora o santo ... mita.

Quando, com voz ... mula pela emoção, ... explica o que alli a ... duzia, Moharen entr... va-se á importante ... de engulir tamaras, e ... se diria nunca que ... homem que pratica ... prosaicos misteres ... desse ter trato tão ... com os espiritos cel...

Mas só Deus é gr... e nada acontece no ... do que não seja e... da vontade do Altis... E se Elle tivesse re... do fazer mesmo de ... haren um santo ... mita?...

(Continúa no ... ximo num...

VERSOS

T Y S I C A

O teu peito que a tysica precoce
Vae devastando assustadoramente,
Numa continua tosse...

Da moldura violacea das olheiras,
Uma tristeza espia e se debruça,
Num grave meditar.
E anda um sciemar somnambulo de freiras,
Na agonia serena que se embuça,
A' hora cinza da luz crepuscular.

O fogo dos teus olhos,
Que alguem julgara eterno,
Tem hoje, nos espinhos, nos abrolhos,
O frio dos crepusculos de inverno.

Esses teus labios de um vermelho intenso,
— Corolla rubra em que poisaram beijos,
Noutras horas felizes,
Fazem morrer meus intimos desejos,
Quando os comprimes no pequeno lenço
Ensanguentado pelas hemoptyses.

Desse teu busto,
Os aureos pomos, na sazão, penderam...
E hoje se escondem num vestido justo,
Que até, parece, desappareceram.

As tuas mãos que os lirios enciumaram,
Teus dedos brandos, finos,
Lembram mãos frias que se entrecruzaram,
Num pôr de sol, sob um planger de sinos...

Amo-te assim,
Esqueletica, triste e consumida...
No principio do Fim,
No fim da Vida!

Amo-te assim como a columna desolada
Em meio de uma ruina,
Sem fustes, capiteis...
"Ultimo ratio" da Illusão.
Porque és
A derradeira sombra angustiada,
De uma reflorescencia desvairada
Vivendo a vida pelo coração.

Do livro "Agua pura da montanha".

VICENTE JUSSELINO.